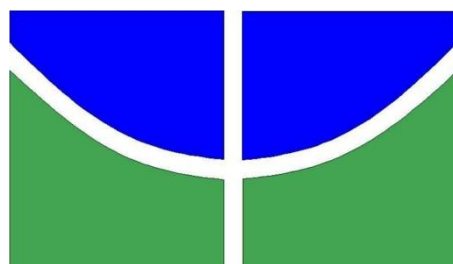


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA NA ÓTICA DE PIERRE
BOURDIEU**

KARENN NINA BANDEIRA PIEDADE

Brasília – DF
Dezembro, 2013

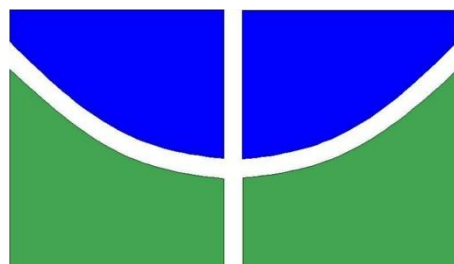


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA NA ÓTICA DE PIERRE
BOURDIEU**

KARENN NINA BANDEIRA PIEDADE

Brasília – DF
Dezembro, 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KARENN NINA BANDEIRA PIEDADE

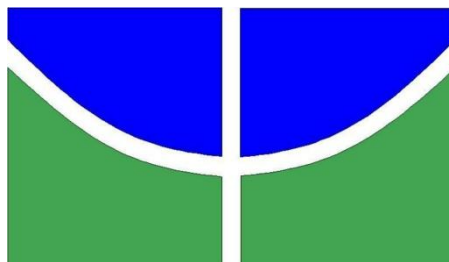
**ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA NA ÓTICA DE PIERRE
BOURDIEU**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho

Brasília-DF

Dezembro, 2013



Monografia de autoria de Karenn Nina Bandeira Piedade, intitulada Estudo sobre as Trajetórias de Vida dos Estudantes de Pedagogia na Ótica de Pierre Bourdieu, apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Profa. Dra. Cláudia Valéria de Assis Dansa

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Brasília, 2013.

Dedico esse trabalho aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado durante todo o meu percurso, aconselhando-me sempre que necessário e educando-me para que eu me tornasse o ser humano que sou.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é uma tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram por minha trajetória acadêmica e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Agradeço, particularmente, a algumas pessoas que contribuíram diretamente na construção deste trabalho:

A Deus, pois nada eu seria sem Ele.

Aos meus pais e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta importante etapa.

À melhor amiga e irmã Ellen Caroline, a quem carinhosamente chamo de “maninha”, por sempre estar comigo e me apoiar nas minhas decisões, colher minhas lágrimas e comemorar minhas vitórias.

À amiga Luana que me ajudou em minha trajetória acadêmica.

À professora e orientadora Sônia Marise pela paciência na orientação, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

PIEDADE, Karenn Nina Bandeira. As Trajetórias de Vida dos Estudantes de Pedagogia na Ótica de Pierre Bourdieu. Brasília – DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa documental sobre as trajetórias de vida dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Os documentos analisados são os trabalhos finais de curso previstos no currículo acadêmico. Foram selecionados dez trabalhos finais e analisou-se a primeira parte desses trabalhos onde consta o memorial dos estudantes. O critério de escolha desses trabalhos foi abordagem dada aos memoriais sobre Educação e Sociedade. Traduzimos a reflexão das histórias de vida associada aos conceitos abordados pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Os resultados indicam que as trajetórias de vida interferem e modificam a natureza dos capitais propostos por Pierre Bourdieu e que há relação das histórias de vida com o acúmulo de capital.

Palavras-chave: Capital; Trajetória de Vida; Sociologia.

PIEIDADE, Karenn Nina Bandeira. As Trajetórias de Vida dos Estudantes de Pedagogia na Ótica de Pierre Bourdieu. Brasília – DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

ABSTRACT

The present study is a documental research of the life trajectories of students of Pedagogy, Faculty of Education, University of Brasilia. Papers analyzed are the final course work provided in the academic curriculum. The final ten papers were selected and analyzed for the first part of those jobs where the memorial consists of students. The criterion for choosing these works approach was given to memorials on Education and Society. We translate the reflection of the stories associated with the concepts covered by the sociologist Pierre Bourdieu. The results show that the life trajectories interfere and change the nature of the proposed capital by Pierre Bourdieu's relationship and life stories with the accumulation of capital.

Keywords: Capital; Life Trajectory, Sociology

"Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos"

(Paulo Freire)

Sumário

I.	APRESENTAÇÃO	12
II.	PARTE I – MEMORIAL	13
III.	PARTE II - MONOGRAFIA	20
1.	INTRODUÇÃO	20
2.	CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES SOBRE A TEORIA SOCIOLÓGICA DE PIERRE BOURDIEU	22
2.1	O conceito de <i>habitus</i>	25
2.2	Conceito de Campo.....	26
2.3	Conceito de Capital	27
3.	CAPÍTULO 2 – CAPITAIS EM BOURDIEU: Capital Econômico, Capital Cultural, Capital Social e Capital Simbólico	29
3.1	Capital Econômico.....	29
3.2	Capital Cultural	30
3.3	Capital social	33
3.4	Capital Simbólico.....	34
4.	CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA NA PERSPECTIVA DO CONCEITO DE CAPITAL EM PIERRE BOURDIEU	36
5.	NARRATIVAS	38
5.1	Narrativa 1 – A Trajetória de Maria.....	38
5.2	Narrativa 2 – A Trajetória de Tiago.....	39
5.3	Narrativa 3 – A Trajetória de Ester	39
5.4	Narrativa 4 – A Trajetória de Judite	39
5.5	Narrativa 5 – A Trajetória de Ana	40
5.6	Narrativa 6 – A Trajetória de Sara	40
5.7	Narrativa 7 – A Trajetória de Diná	41
5.8	Narrativa 8 – A Trajetória de André	42
5.9	Narrativa 9 – A Trajetória de Isaque.....	42
5.10	Narrativa 10 – A Trajetória de Saul	43
6.	ANÁLISE DAS NARRATIVAS	43
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46

I. APRESENTAÇÃO

Este trabalho acadêmico é a etapa final, parte do requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Sônia Marise Salles Carvalho, tem como enfoque os capitais de Pierre Bourdieu, direcionado as trajetórias de vida dos estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, cujo tema expressou a relação Educação e sociedade, por meio de análise documental.

O trabalho é constituído por três partes, dentro das normas acadêmicas. A primeira parte do trabalho é constituída pelo memorial, onde narro minha história de vida desde o início da caminhada no ambiente escolar, passando pelo período de escolha profissional, até o acesso à Universidade de Brasília por meio do 1º Vestibular de 2010, onde me identifico com as principais proposições conceituais e teóricas de Pierre Bourdieu, entre elas, as definições de capital direcionando meu trabalho final de curso à análise social em Bourdieu a partir de histórias concretas de vida num diálogo com o mundo da educação.

Na segunda parte abordo os principais conceitos teóricos de Pierre Bourdieu como o *habitus*, conceito de campo, capital e suas diferentes externalizações, econômico, cultural, social e simbólico. Procuo relacionar todos esses conceitos à trajetória de vida dos estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, a partir da análise dos memoriais presentes nos trabalhos finais de curso dos formandos de 2011 a 2013, onde é possível associar a análise social em Bourdieu com as experiências concretas de vida, contempladas nos memoriais, num diálogo com o mundo da educação.

Na terceira e última parte do meu trabalho, versa sobre as minhas perspectivas profissionais, meus planos tanto para o campo profissional quanto para os estudos. Minhas aspirações como pedagoga, e, principalmente, meu projeto de vida após ser graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

II. PARTE I – MEMORIAL

Dia 11 de setembro de 1989: data de nascimento da filha caçula do casal Maria Margarida Bandeira Piedade e Ailton Santos Piedade. Meu nascimento ocorreu na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Cidade na qual morei até o meu 1º ano de vida e nunca mais visitei. Filha de militar, conheço de norte a sul deste país, mas foi em Brasília que vivenciei grande parte de minha vida.

Minha vida escolar teve início no ano de 1993, na cidade de Três Corações, Minas Gerais – cidade natal da minha mãe e da minha irmã Ellen Caroline Bandeira Piedade. Despertou em mim a vontade de ir à escola pelo fato de todos os dias ir com minha mãe deixar minha irmã na escola e eu não poder ir. Já me sentia grande o suficiente para ir também. Foi quando minha mãe, ao conversar com a diretora, decidiu matricular-me na mesma instituição de educação infantil.

Na primeira escola estudei apenas um ano. Lá aconteceu um fato que, até hoje, nunca esqueci: como eu estudava no antigo maternal, havia um momento de descanso, que era após as primeiras atividades. Na sala de aula tinha alguns colchonetes e lembro-me que eu sempre implicava com um colega e queria o lugar que ele estava. Não lembro ao certo o real motivo de tanta implicância, mas o fato é que as vezes eu o empurrava e até mesmo batia nele. Por isso a professora me castigava. O castigo consistia em as vezes me isolar dos demais ou me deixar na turma de uma professora que era considerada por ela “brava”. Recordo-me de ao final do castigo a professora vir conversar comigo, o que não adiantava muito, pois logo eu aprontava novamente.

Certo dia, em um momento em que eu estava sentada, não me recordo se eu havia feito algo ao meu colega de turma, mas lembro-me que ele chutou minha boca. Não tenho em minha memória a reação da professora e da equipe pedagógica, apenas lembro que fui encaminhada ao médico. Também não recordo do desfecho desta história.

No ano de 1994 nos mudamos para Salvador, Bahia e lá estudei do Jardim 1 até a 2ª série do Ensino Fundamental. Fiz o Jardim 1 na escola Cordão de Ouro e do jardim 2 à 2ª série na Escola Aradi Educação.

Na escola Aradi Educação tive uma professora que me acompanhou durante o Jardim 2 e a alfabetização, o nome dela era Kátia. Apesar de não ter memórias boas sobre essa professora, não me recordo de nenhum fato específico, apenas que eu não gostava de ficar em

sala de aula e por isso fugia, quando surgia alguma oportunidade, para a coordenação da escola.

No ano de 1996, na alfabetização, fui a primeira aluna a aprender a ler e por esse fato fui a oradora na formatura da escola. Tenho memórias do dia em que aprendi a ler, não foi na escola e sim nas férias escolares de junho de 1996, em Três Corações, Minas Gerais. Sobrinha de professoras, aproveitava minhas férias para brincar muito. Uma das minhas brincadeiras favoritas consistia em brincar de “escolinha”. Sempre que possível, minhas tias iam até eu e meus primos participar da brincadeira como nossas professoras, por saberem que eu não sabia ler elas se empenhavam a me ensinar a ler. Lembro-me que ao final das férias eu já estava lendo frases completas.

No ano de 1998, fomos transferidos para São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Eu e minha irmã estudamos em um colégio de freiras. Única memória que tenho é de achar estranho a professora ensinar o alfabeto na 2ª série do ensino fundamental. Moramos em São Gabriel da Cachoeira por apenas quatro meses e de lá voltamos a morar em Salvador.

A mudança não afetou em nada meu desempenho escolar, em minha memória é como se tivéssemos tido umas férias maiores que o normal.

No ano de 1999 fomos novamente transferidos, mas dessa vez para Brasília. Estudei no Colégio Alvorada na 3ª série e 4ª série, de 1999 a 2000. Lá tive duas professoras que marcaram muito: a “tia” Diana e a “tia” Daniella. Eu tinha bastantes amigos nessa escola e adorava estudar lá porque eu estudava com dois primos. A ansiedade para ser aprovada para a 5ª série era para poder mudar de escola e ir para o Colégio Militar de Brasília, instituição de ensino onde minha irmã estudava, o que para mim era sinônimo de amadurecimento.

Estudei no Colégio Militar de Brasília da 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e lá aprendi bastante e tive vivências fundamentais para a construção da minha personalidade. Conheci amigos que me acompanham até hoje, outros que não tenho notícias, mas que nem por isso foram menos importantes em minha trajetória na “Família Garança”.

Nunca fui de estudar muito durante os bimestres, mas estudava muito na véspera das provas. Meus pais sempre exigiram que eu tirasse boas notas e não gostavam de notas medianas. Nunca fui aluna destaque, mas sempre garanti minha nota acima de 7 – a média do colégio militar era 5 – e raramente eu tirava 6; 6,5.

No Ensino Médio muitos de meus colegas já sabiam o que queriam cursar, alguns iam seguir a carreira militar, outros fazer direito. Sentia-me pressionada quando me perguntavam

o curso que eu queria, pois eu não sabia o que responder. Achava que eu não tinha vocação para nada.

Decidi então inscrever-me no SOE – Seção de Orientação Educacional – que oferecia orientação vocacional aos alunos de Ensino Médio no contraturno. Como o ensino médio é ofertado no período matutino, eu ficava no turno vespertino para ter a Orientação Vocacional. Um dos resultados foi que eu poderia ser psicóloga. Como fazer psicologia era uma das minhas opções, decidi que queria cursar psicologia.

No 3º ano do Ensino Médio fiz a última Etapa do PAS – Programa de Avaliação Seriada. Como opção de curso marquei Pedagogia, não passei, pois não levei a sério o programa de avaliação nas duas primeiras etapas. Mesmo assim cheguei perto de ser classificada.

Tentei por dois anos cursar Psicologia no vestibular da Universidade de Brasília, sempre chegando perto de passar. No 1º vestibular de 2010, por incentivo do meu pai e irmã prestei vestibular pra Pedagogia e logrei êxito. Fiquei bastante feliz por ter passado no vestibular com um argumento alto – fiquei em segundo lugar na classificação.

Pensei em cursar o primeiro e o segundo semestre em Pedagogia e mudar para Psicologia no terceiro semestre.

Na recepção dos calouros fiz algumas amizades que me acompanhariam durante todo o curso. Uma delas se aproximou muito a mim por questões de afinidade, seu nome é Luana Almeida de Andrade, amiga com quem pude contar durante os semestres de minha trajetória acadêmica. Por termos interesses em comum dentro do curso de Pedagogia, seguimos quase todas as etapas juntas, inclusive as fases do “Projeto 3” e do “Projeto 4”.

Cursei apenas cinco disciplinas no primeiro semestre, sendo elas, “Antropologia e Educação”; “Oficina Vivencial”; “Projeto1”; “Perspectivas do Desenvolvimento Humano”, ministrada pela professora Ângela Anastácio e “Introdução à Psicologia”, no departamento de Psicologia. Gostei da disciplina, das aulas e do professor.

Permaneci com a intenção mudar de curso, pois ainda não havia cursado nenhuma disciplina que fizesse com que eu me encontrasse no curso de Pedagogia.

No segundo semestre de Pedagogia, cursei seis disciplinas: “História da Educação”, “Fundamentos da Educação Ambiental”, “Pesquisa em Educação 1” e “Organização da Educação Brasileira”, “O Educando com Necessidades Educacionais Especiais”, ministrada pelo professor Eduardo Ravagni.

Dentre as disciplinas cursadas, a que mais marcou a minha memória foi “Projeto 2”, principalmente, pelo fato de essa disciplina ter mudado meus planos de mudança de curso. Tive aula com a professora Lívia Borges, pessoa inteligente a qual eu me espelhava para ser uma futura pedagoga. Li Selma Garrido Pimenta, José Carlos Libâneo e Demerval Saviani. Aprendi o que faz um pedagogo, sobre o campo de exercício profissional do pedagogo na atualidade e decidi por não mudar de curso.

Quanto ao terceiro semestre, fiz o “Projeto 3 – Fase 1: Economia Solidária”, com a professora Sônia Marise, com quem aprendi bastante unindo, a teoria à prática, sobre a Educação Popular na Associação Atlética de Santa Maria, pois Economia Solidária pude perceber a importância da sustentabilidade, da valorização do sujeito, da autonomia em um elo com a confiança, a cooperação e a solidariedade.

Na disciplina “Psicologia da Educação” tive uma péssima experiência, pois a relação professor-aluno atrapalhou meu desempenho na disciplina. Apesar de participar nas aulas, de fazer os trabalhos propostos pela professora, nunca tive o devido reconhecimento da professora, o que era notado não só por mim, mas também por colegas da disciplina.

Neste mesmo semestre também cursei “Ensino e Aprendizagem da Língua Materna”, “Educação Matemática 1”, “Ensino de Ciência e Tecnologia”, “Educação e Trabalho”, “Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE”.

No quarto semestre, fiz a Fase 2 do “Projeto 3” e “Projeto 4 – Fase 1”, novamente com a professora Sônia Marise. Foi nesse semestre que pude ter bem claro os princípios e bases da Economia Solidária, os quais pude observar na prática que são: a cooperação, a autogestão, e a solidariedade. Sob orientação da professora Sônia li artigos, sua tese e o documento do Fórum Nacional em Economia Solidária e pude compreender que a Economia Solidária é uma alternativa encontrada pela classe trabalhadora ao desemprego e vem ganhando espaço na sociedade moderna.

“Sociologia da Educação”, cursada no quarto semestre, com o professor Carlos, está entre as disciplinas cursadas que mais gostei na Faculdade de Educação. Li bastante sobre os sociólogos para apresentar seminários, fazer resenhas e fichamentos e entre trabalhos e leituras eis que surge meu interesse pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Sua análise da sociedade em relação ao capital cultural, social sempre me estimularam a fazer um paralelo com as práticas que eu vinha realizando na Associação Atlética de Santa Maria, o que me incitou a ler mais artigos, sobre sua história e descobertas.

Além dessas disciplinas acima citadas, também cursei “Orientação Educacional”; “História da Educação Brasileira”; “Didática Fundamental” e “Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas – Libras”, disciplina que me fez perceber a importância do estudo dessa língua e por isso na disciplina História da Educação Brasileira, escrevi um artigo sobre “O Surdo na História da Educação Brasileira”.

Em relação ao quinto semestre na Universidade de Brasília, tive seis matérias, as quais acrescentaram muito na minha trajetória e que irei acadêmica e que vou levar pro meu futuro profissional. Entre elas estão “Processo de Alfabetização”, “Planejamento Educacional” e “Administração das Organizações Educativas” e “Orientação Vocacional profissional”.

Nesse mesmo semestre decidi fazer o “Projeto 3 – Fase 3” juntamente com o “Projeto 4 – Fase 2” e permanecer com a professora Sônia Marise na Associação Atlética de Santa Maria. Meu relatório final do “Projeto 4 – Fase 2” foi sobre “Políticas Públicas da Educação Básica na Perspectiva da Educação Popular”, pois havia um interesse da minha parte em fazer meu trabalho final de curso relacionando Políticas Públicas com a Economia Solidária.

Eu e duas amigas: Juliana Nunes e Luana Almeida criamos na Associação Atlética de Santa Maria o Grupo de Trabalho – GT – da Biblioteca utilizando como principal ferramenta o trabalho pedagógico. A ideia surgiu pelo fato de termos notado que na Associação havia muitos livros e revistas que não estavam sendo aproveitados e utilizados pela comunidade e que estavam em local inadequado. Com isso, vimos a necessidade de catalogar e identificar os livros e classifica-los.

No final do semestre, na feira de Economia Solidária, montamos uma biblioteca no espaço de atividades da Associação, onde ocorreu oficinas, dentre elas uma contação de histórias, teatro infantil e houve troca de livros com as crianças. Com isso alcançamos a meta proposta inicialmente: proporcionar às crianças da comunidade um contato com a leitura e o interesse pelo mundo letrado.

No sexto semestre cursei: “Educação em Geografia”, “Literatura e Educação”, “Inconsciente e Educação”, “Políticas Públicas de Educação”, “Criatividade e Inovação na Educação”.

Esse semestre foi um tanto quanto atípico, pois eu tinha que conciliar as aulas de segunda-feira a sexta-feira pela manhã na UnB, estágio a tarde e aulas do cursinho para concurso a noite de segunda-feira a domingo, inclusive nos feriados. A Luana que me deu força nos trabalhos para conseguir aguentar um semestre tão exaustivo.

Dentre as disciplinas que cursei durante este semestre as mais importantes foram “Inconsciente e Educação” ministrada pela professora Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida e “Políticas Públicas de Educação”, com o professor Cleyton Gontijo. Escolhi cursar a disciplina “Inconsciente e Educação” com a professora Inês devido aos elogios que ex alunos teciam a ela além de saber de sua excelente formação.

Com a professora Inês li sobre Freud e tive a oportunidade aprender seus estudos na psicanálise. Em “Políticas Públicas de Educação”, entendi como funciona as políticas governamentais de nosso país e apesar da minha afinidade com a disciplina e com assunto tive a certeza de que não escreveria minha monografia sobre o assunto.

Tive uma experiência ruim na disciplina “Criatividade e Inovação”, mas dessa vez não foi devido à relação professor-aluno, mas sim com a mestrandia que diversas substitua a professora. A disciplina era ministrada pela professora Albertina Martinez, mas contava com o auxílio de uma mestrandia que me tratava com uma certa antipatia. Isso prejudicou meu desempenho na disciplina resultando no desinteresse pelas aulas e atividades, pois a mestrandia estava presente em todas as aulas. Não senti interessada em participar das aulas e em consequência disso tive menção MM. Ao final do semestre senti um certo alívio por não precisar mais comparecer nas aulas, era como tivessem tirado um fardo das minhas costas.

Pude então entender a importância do afeto na relação professor-aluno e a importância de motivar os alunos em suas tarefas.

Considerei o sétimo semestre o mais tranquilo na Unb, pois cursei apenas quatro disciplinas: “Ensino de História, Identidade e Cidadania”, com a professora Renísia; “Enfoques Psicopedagógicos das Dificuldades de Aprendizagem”, com a professora Carmen Tacca; “Avaliação das Organizações Educativas”, com a professora Girlene Ribeiro e “Psicologia Social na Educação”, com a professora Teresa Cristina.

Todas professoras competentes e inteligentes. Tive a oportunidade de cursar esse semestre com professoras que muito me ensinaram e as quais levarei como exemplo para a minha vida profissional.

Agora, no oitavo e último semestre, cursando apenas quatro disciplinas: “Seminário sobre Trabalho Final de Curso”, “Filosofia da Educação”, “Socionomia, Psicodrama e Educação”, “Escolarização de Surdos e LIBRAS” além do “Projeto 5”, acredito estar apta para apresentar a presente pesquisa e sinto-me preparada para ser pedagoga devido à ótima formação acadêmica na Universidade de Brasília.

A decisão pela escolha do tema ocorreu pelo desdobramento da minha formação acadêmica no qual pude associar a análise social em Bourdieu com as experiências concretas de vida num diálogo com o mundo da educação.

III. PARTE II - MONOGRAFIA – As trajetórias de vida sob a ótica de Pierre Bourdieu

1. INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu (1930-2002) é considerado um dos principais teóricos na área de sociologia, educação e filosofia, tendo sua teoria influenciada por estudos e princípios da educação a partir do século XX, até os dias atuais. Principalmente pelo fato de Bourdieu não ter estudado fontes únicas teóricas, ele fundamentou sua pesquisa por meios teóricos e empíricos e dinâmicos, o que configurou vigor ao seu trabalho, pois ele não limitou sua pesquisa a Marx, Weber e Durkheim o que o diferenciou de outros teóricos, pois a partir dessa perspectiva, o pesquisador teve um arcabouço de sustentação teórica para conseguir articular e não se limitar ao passado para contextualizá-lo ao futuro e ao presente.

Em seus estudos filosóficos, Bourdieu pesquisou a vertente existencialista e estruturalista. A primeira tinha como referência Sartre e a segunda, Levi-Strauss. Em relação à educação, Pierre Bourdieu produziu estudos sobre a cultura, bem como a compreensão dos processos culturais transmitidos pela família e pela escola. Surgiu então a essência da pesquisa no campo na área da sociologia da educação, resultando em obras como “Os herdeiros, os estudantes e a cultura” (1964) e “A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino” (1970), obras escritas em com Jean-Claude Passeron.

A partir de 1960, Bourdieu passa a ser reconhecido no campo de educação devido a seus estudos empíricos sobre os problemas relacionados às desigualdades na educação. Segundo ele, a escola é o lugar de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, culturais e econômicas (apud, GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p.69) e, além disso, é nela que a herança econômica familiar se converte em capital cultural.

Em sua teoria, Bourdieu considera que as desigualdades escolares possuem origem social e, com isso, faz-se necessário ir além dos dons de cada aluno para que seja explicado o fracasso ou o sucesso escolar. O autor interpretou, em seus estudos, que a violência simbólica é exercida na escola no momento a instituição legitima a preeminência cultural de grupos dominantes e indivíduos, privilegiando aqueles provenientes de classes sociais superiores. O sistema de ensino vigente contribui com o padrão social existente e por isso deveria haver uma mudança na estrutura deste modelo para a transformação social.

Considerando a estrutura educacional proposta por Bourdieu que demonstra que as desigualdades sociais, culturais e econômicas não poderiam ser superadas apenas por meio da educação. Ademais, os estudos do mesmo autor mostram que o simples acesso à educação não resolve, nem garante o princípio da igualdade de oportunidades entre os indivíduos. Dessa maneira, defende-se a relevância deste estudo que pretende identificar na trajetória de vida dos estudantes de pedagogia a aplicação dos conceitos de capital propostos por Pierre Bourdieu.

Em síntese, o presente trabalho almeja relacionar as trajetórias de vida dos estudantes da Faculdade de Educação com os conceitos de capital propostos por Pierre Bourdieu, bem como a estabelecer os principais conceitos sociológicos elaborados por Bourdieu em torno da educação a fim de saber qual tem sido a relação entre histórias de vida de estudantes do curso de Pedagogia e apropriação dos capitais.

A pesquisa que sustenta essa análise foi realizada a partir dos memoriais constantes nas monografias escritas por alunos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, de 2011 a 2013, para confirmar ou não se há relação entre a história de vida e o acúmulo de capital.

Ao assumir essa vertente de estudo, este trabalho, cujo título é *As Trajetórias de Vida na Ótica de Pierre Bourdieu*, abordará o seguinte questionamento central: existe relação da história de vida com acúmulo de capital cultural? E a partir dessa pergunta, fazer a relação entre histórias de vida de estudantes do curso de Pedagogia e apropriação dos capitais.

Diante dessa questão, e partindo da hipótese de que as trajetórias de vida interferem e modificam a natureza dos capitais em Pierre Bourdieu, o objetivo geral do presente trabalho acadêmico é relacionar as trajetórias de vida dos estudantes da Faculdade de Educação com os conceitos de capital propostos por Pierre Bourdieu.

Os objetivos específicos são:

- Identificar as histórias de vida dos estudantes do curso de pedagogia presente nos trabalhos finais de curso, no período de 2011 a 2013, cujo tema expressou a relação Educação e Sociedade;
- Conhecer a trajetória escrita nos memoriais de trabalho final de curso;
- Refletir sobre as formas de capitais traduzidas nos registros escritos de acordo com a teoria de Pierre Bourdieu.

2. CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES SOBRE A TEORIA SOCIOLÓGICA DE PIERRE BOURDIEU

Esse capítulo trata sobre a proposta de Pierre Bourdieu no campo da sociologia em relação aos conceitos de *habitus*, campo e capital. Priorizaremos o conceito de capital para compreender os impactos da trajetória de vida na universidade pública federal.

A temática da pesquisa de Pierre Bourdieu excede o pensamento tradicional, pois o autor dialoga seus estudos com as abordagens marxista, durkheimiana e werberiana, que são teorias ícones nas ciências sociais e que vão ao encontro da temática de sua pesquisa. Bourdieu não estudou fontes teóricas exclusivas, o autor fundamentou sua pesquisa por meios teóricos, empíricos e dinâmicos o que lhe configurou maior confiabilidade e sustentação a seus conceitos.

Buscando uma estrutura de conceitos oriundos das ciências sociais, Bourdieu procurou estabelecer uma compreensão das características culturais reconhecendo elementos que compõem a realidade social por meio de abordagem dinâmica onde evidencia o sistema de relações existentes na sociedade e principalmente reconheceu a pluralidade de informações que fazem parte da realidade social.

Nesse contexto, o conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu é indispensável para que compreendamos o indivíduo. O indivíduo é socialmente constituído, detentor de um *habitus* com características provenientes de sua origem social, ou seja, socialmente incorporado, baseados em capitais – econômico, simbólico, social, cultural. Na obra *Trabalho e trabalhadores* (apud VASCONCELLOS, 2002, p.79), Bourdieu desenvolve o tema que vem a ser um dos principais conceitos de suas teorias, o conceito de *habitus*:

[...]assim, o conceito de *habitus* que ele desenvolverá ao longo da sua obra corresponde a uma matriz determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. E ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas.

O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. “Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas”(VASCONCELLOS, 2002,p.79). Com isso, o *habitus* influencia no pensar e no agir da sociedade, pois os indivíduos incluem um modelo de sociedade, muitas vezes de forma

involuntária, sustentando-a e imitando-a e com isso dão ênfase à existência da desigualdade social, pois a fazem renascer de forma inconsciente.

Outro importante vernáculo na obra de Pierre Bourdieu é o conceito de “capital”. Para o autor, capital é um conceito que abrange a quantidade de acúmulo de forças dos agentes em suas posições no campo. Ele distingue, no decorrer de sua obra, quatro principais tipos de capital: o econômico, o cultural, o social e o simbólico.

Bourdieu vai além da noção econômica de capital, ele enfatiza as trocas materiais, para incluir formas “imateriais” e “não-econômicas” de capital ao tratar dos capitais cultural e social. O sociólogo explica como os diferentes tipos de capital podem ser adquiridos, trocados e convertidos em outras formas. Em sua teoria, Bourdieu rejeita a expressão capital humano, pois segundo ele, ela tem dificuldades para expressar elementos que ultrapassam o “economicismo” (expressão por ele utilizada para se referir à economia). Para ele, o termo capital cultura representa um conjunto de forças não-econômicas como classe social, diferentes investimentos para a educação, recursos diferentes que influenciam no sucesso acadêmico. (BOURDIEU, 1968, apud SANTOS, 2003).

Para Bourdieu a habilidade e o talento do sujeito são determinados principalmente pelo tempo e capital cultural investido pelos pais e famílias com “um certo” capital cultural poderiam apenas gerar descendentes com uma quantidade igual de capital cultural. No entanto se não considerarmos o contexto ao qual foi empregado a afirmação acima, a teoria de Bourdieu nos levaria a um “determinismo cultural”, pois as gerações futuras estariam limitadas pelo capital cultural que inicialmente lhes foi transmitido pelos seus progenitores.

O capital social de um indivíduo é determinado pelo tamanho de sua rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e o volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por cada uma das pessoas às quais ele tem alguma relação.

[...] o capital social exerce, portanto, um papel multiplicador do capital existente em um determinado grupo de pessoas, deixando-o disponível a todos os membros dessa rede (BOURDIEU, 1968, p.249, apud SANTOS, 2003, p.62).

Segundo Bourdieu (apud SANTOS, 2003) deve haver uma série contínua de trocas – econômicas, culturais, simbólicas – entre os membros do grupo para que o reconhecimento mútuo seja (re) afirmando. Com tudo, as redes sociais precisam de estímulos e manutenção constantes de forma a serem percebidas ao longo do tempo. É necessário determinação e

força de vontade de cada indivíduo para que este capital social seja mantido e perpetue em outras gerações.

O sociólogo defende em sua obra que:

O capital cultural e o capital social são fundamentalmente enraizados no capital econômico, mas eles nunca podem ser completamente reduzidos à forma econômica. O capital social e cultural permanecem efetivos na sociedade, pois há por trás deles sua relação com o capital econômico. (BOURDIEU, 1968 apud SANTOS, 2003).

Vasconcellos (2002) apresenta uma leitura sobre a obra de Pierre Bourdieu, e dela extrai elementos teóricos e conceitos elaborados por ele, de forma cronológica. Um exemplo é o trabalho de campo realizado por Bourdieu na Argélia que o levou a explicar por meio da sociologia a dominação social. A educação, a cultura, entre outras, foram estudadas e o sociólogo aplicou então conceitos novos à sociologia como *habitus*, violência simbólica, capital cultural, entre outros. Bourdieu criou uma nova forma de ver sobre a sociedade e suas relações. (VASCONCELLOS, 2002)

Com a participação de Jean Claude Passeron, é publicada a obra *Les Héritiers* (apud VASCONCELLOS, 2002), onde os autores explicam o termo capital cultural:

O conceito de capital cultural (diplomas, nível de conhecimento geral, boas maneiras) é utilizado para se distinguir do capital econômico e do capital social (rede de relações sociais). Os estudantes de classe média ou da alta burguesia, pela proximidade com a cultura 'erudita', pelas práticas culturais ou linguísticas de seu meio familiar, têm maiores probabilidades de obter o sucesso escolar. (VASCONCELLOS, 2002, p.79-80).

Dessa maneira, Bourdieu (apud VASCONCELLOS 2002) demonstra que a cultura está diretamente relacionada com as desigualdades e a escola é o local de propagação de estruturas sociais, pois é nela que a posse econômica da família transforma-se em capital cultural. A educação então é relacionada com a cultura e conclui-se que os alunos com mais cultura, são os com melhores rendimentos escolares.

Por meio do uso da noção de violência simbólica ele tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como "natural" as representações ou as ideias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apoia o exercício da autoridade. Bourdieu (apud VASCONCELLOS, 2002) considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas

linguísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares. A violência simbólica evidencia os dominadores e os dominados e é colocada em prática de acordo com o papel de cada um na sociedade.

2.1 O conceito de *habitus*

Pierre Bourdieu pode ser prezado, na contemporaneidade, como um dos principais teóricos da contemporaneidade, uma das fundamentais teorias no campo das ciências sociais e humanas, pois ele consegue formular perguntas concernentes sobre o modo de organização e estruturação da sociedade, bem como, responder de forma razoável a questionamentos. No decorrer dessa pesquisa, entenderemos, de forma clara, essa concepção crítica e inovadora do autor.

A partir de estudos de Bourdieu o termo *habitus* ganha notoriedade, pois o teórico atribui reconhecimento ao termo em seus debates sociológicos, filosóficos e educacionais, resultando em mudanças e aperfeiçoamentos no conceito, visando ultrapassar as dualidades referentes ao senso comum entre o sujeito e o social

O *habitus* discorre sobre capacidade e expectativas de agir e é expressado por meio de variadas maneiras, seja no estilo de vida das pessoas, no modo de organizar as coisas, nas vontades, ou seja, está presente na ação humana de cada indivíduo. Conforme afirma GONÇALVES e GONÇALVES (2010):

O habitus é ao mesmo tempo coletivo e individual, e Bourdieu enfatiza sua característica de incorporação no agente, de tal forma que se torna o próprio agente, em um processo de interiorização, reproduzindo internamente nele as estruturas externas do mundo. Contribui significativamente para a reprodução da ordem social, na medida em que esta não pode se dar sem a adesão, o reconhecimento e mesmo a ação dos agentes e instituições envolvidas; porém, este processo se dá de forma sutil, em geral inconsciente por parte dos agentes. (GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p.51).

A partir da compreensão do que vem a ser *habitus*, infere-se que ele é orientado pelas práticas individuais e coletivas aparecendo como produto da história de cada sujeito, isto é, a partir da complexidade do *habitus* percebemos que ele abrange aspectos objetivos e subjetivos, mostrando-se como produto da sociedade. “Para desvelar a constituição de *habitus* é preciso conhecer a sua história, gênese e as estruturas vigentes na sociedade e naquele campo em especial” (GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p.52). É pelo conceito de

habitus que torna plausível a organização de modalidades de conduta inovadoras, bem como de inovadoras ações dos sujeitos sociais, que buscam superar as contradições existentes entre o passado e o futuro.

Dessa forma, o *habitus* é composto de acordo com o espaço social no qual os agentes ou os sujeitos estão inseridos e, nesse sentido, Nesse sentido, o indivíduo pode cooperar com o grupo a que pertence a fim de conseguir mais espaço na sociedade e mais capital.

A posição de cada sujeito na estrutura das relações objetivas proporciona um conjunto de vivências típicas que tenderiam a se consolidar na forma de um *habitus* adequado à sua posição social (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2004, p. 29).

Nesse contexto, e de acordo com a lógica de Bourdieu, o sujeito precisa de um espaço – campo – para o sujeito executar sua estratégia sócia de modo a não perder sua identidade e não se submeter a uma lógica social de dominação vertical.

2.2 Conceito de Campo

O espaço social em que ocorrem as relações humanas é denominado de campo por Pierre Bourdieu, espaço esse dinâmico com regras que devem ser obedecidas. Sua teoria também diz que uma das principais características do campo é ser o espaço do poder, onde há ações de dominação e obediência a um determinado interesse, outra característica do campo é o acúmulo de capital.

A noção de campo representa para Bourdieu um espaço social de dominação e de conflitos. Cada campo tem uma certa autonomia e possui suas próprias regras de organização e de hierarquia social. Como num jogo de xadrez, o indivíduo age ou joga segundo sua posição social neste espaço delimitado. (VASCONCELLOS, 2002, p. 83).

O conceito de campo pode ser entendido como um espaço estruturado onde as atitudes dos sujeitos, as relações estabelecidas, os interesses como um ambiente dentro do qual detectamos as ações dos indivíduos se organizam e obedecem as normas sociais de organização do campo. Ao colocar o espaço social como estruturado significa inferir que as posições sociais não são harmônicas e que há uma hierarquia, isto é, “caracterizados por assimetrias e diferenças relativamente estáveis em termos de distribuição de, e acesso a, recursos de vários tipos, poder, oportunidades e chance na vida.” (THOMPSON, 2007, p.198).

Para a compreensão da ordem social Bourdieu propõem que o campo é:

[...]acúmulo (positivo ou negativo) da espécie de capital que constitui o objeto específico da concorrência que o define como tal, e os deslocamentos entre campos, associados à reconversão do capital de uma espécie determinada em outra espécie, com aceitação em um outro campo, sendo que ambas as classes de deslocamentos depende, em seu significado e valor, das relações objetivas entre os diferente campos; portanto, das taxas de conversão das diferentes espécies de capital, e das mudanças pelas quais estas são afetadas no decurso do tempo, ao término das lutas entre as classes e as frações de classe. (BOURDIEU, 1974, apud NOGUEIRA e CATANI, 2005 p. 125).

Na visão de Bourdieu há diversos tipos de campo: econômico, campo político, campo universitário, campo artístico, campo religioso, campo científico, campo simbólico, campo jurídico, campo cultural. Devido à variedade de tipos campos é necessário que cada campo tenha seus objetivos e definições especificados.

O conceito de campo é utilizado por Bourdieu, precisamente, para se referir a certos espaços de disposições sociais nos quais determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado. A ideia é que à medida que as sociedades se tornam maiores, e com a divisão social do trabalho mais complexa, certos domínios de atividades se tornam relativamente autônomos. No interior desses setores ou campos da realidade social, os indivíduos envolvidos passam, então, a lutar pelo controle da produção e, sobretudo, pelo direito de legitimamente classificarem e hierarquizarem os bens produzidos (BOURDIEU Apud NOGUEIRA e NOGUEIRA 2004, p. 36).

Juntamente ao conceito de *habitus*, o conceito de campo tem correlação com o sentido dado ao capital, o qual possui diferentes formas de ser abrangido. Analisaremos especificamente o capital econômico, o capital cultural, o capital social e, por último, o capital simbólico.

2.3 Conceito de Capital

Bourdieu e Coleman discutiram o conceito de capital na análise social para referir-se não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural e social. Sob este ponto de vista, o “capital” foi utilizado por estes sociólogos na análise das desigualdades escolares, fazendo metáfora para discutir as vantagens culturais que grupos ou indivíduos para falar das vantagens culturais e sociais que indivíduos ou famílias possuem e os conduzem a um nível socioeconômico mais elevado. Desta forma, de acordo com Bourdieu, “capital” é um conceito que versa sobre a quantidade de acúmulo de forças dos agentes em suas posições no campo.

Para Bourdieu, existe correspondência entre os diferentes tipos de capital de modo que o capital se caracteriza como conteúdo constituinte do poder em determinadas relações de força nas ações. Logo, em algumas ações o capital poderá ter valor maior, menor, bem como, nenhum valor.

Bourdieu denomina "capital" — no sentido dos bens econômicos, mas também do conjunto de bens culturais, sociais, simbólicos etc. Como nos confrontos político ou econômico, os agentes necessitam de um montante de capital para ingressarem no campo e, inconscientemente, fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições, em uma luta que é tanto explícita, material e política, como travada no plano simbólico e que coloca em jogo os interesses de conservação (a reprodução) contra os interesses de subversão da ordem dominante no campo. (THIRY-CHERQUES, 2006, p.36-37).

No próximo capítulo iremos abordar sobre os diferentes tipos de capital na teoria de Bourdieu, são eles: capital econômico, capital cultural, capital social e capital simbólico. Esses conceitos são essenciais para a análise das trajetórias de vida nos memoriais dos alunos e a relação entre suas histórias de vida com a escolha do curso de Pedagogia para apropriação dos capitais.

3. CAPÍTULO 2 – CAPITAIS EM BOURDIEU: Capital Econômico, Capital Cultural, Capital Social e Capital Simbólico.

Nesse capítulo vamos discriminar os tipos de capital analisados por Pierre Bourdieu para compreendermos a interrelação que existe entre eles e as consequências do acúmulo desses capitais nas trajetórias pessoais da vida dos indivíduos pesquisados.

Para Bourdieu, o espaço social é o campo onde os indivíduos, grupos ou instituições que dispõem de *habitus* organizados de forma estratégica para permitir a melhora ou a permanência na sua posição social. As estratégias de organização da esfera social estão relacionadas com os distintos tipos de capital. Para organizar as estratégias de ação e em seguida implementá-las, é essencial que os sujeitos com diferentes tipos de capital: econômico, social, cultural e simbólico. Revelando a estruturação da sociedade e do sistema educacional.

Cada campo implica uma forma dominante de capital, de acordo com seu volume e estrutura, ou a forma como ele é valorizado no campo; estes capitais são a base e o móvel pelos quais os agentes e grupos mobilizam estratégias distintas de conservação, expansão, reconversão ou apropriação. (GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p.58)

Bourdieu considera que o espaço social é o campo onde os indivíduos, grupos ou instituições que dispõem de *habitus* organizados de forma estratégica para permitir a melhora ou a permanência na sua posição social. As estratégias de organização da esfera social estão relacionadas com os distintos tipos de capital. Para organizar as estratégias de ação e em seguida implementá-las, é essencial que os sujeitos com diferentes tipos de capital: econômico, social, cultural e simbólico. Revelando a estruturação da sociedade e do sistema educacional.

Cada campo implica uma forma dominante de capital, de acordo com seu volume e estrutura, ou a forma como ele é valorizado no campo; estes capitais são a base e o móvel pelos quais os agentes e grupos mobilizam estratégias distintas de conservação, expansão, reconversão ou apropriação. (GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p.58)

3.1 Capital Econômico

O capital econômico, conforme observa Bourdieu, equivale aos bens materiais que o grupo ou o indivíduo possui e está diretamente relacionado ao capital cultural e social. Sendo assim, o capital econômico é formado por uma união de elementos, sendo um deles é a

produção – terra, fábrica, trabalho – e os bens econômicos, onde destacamos os bens materiais como a renda, o patrimônio. (BONNEWITZ, 2005, p.53).

A partir da posse de capital econômico os sujeitos se inserem em determinados grupos, acarretando no aumento do capital cultural e social, ou seja, possibilita novas relações e investimentos educacionais e bens econômicos.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu sistematizou outros tipos de capital a fim de dar coerência ao seu estudo. Devido ao fato de o capital econômico não conseguir sozinho elucidar o progresso da sociedade e o desempenho dos estudantes, o sociólogo define outros capitais para conseguir dar consistência ao seu pensamento, por isso ele analisa e fundamenta as características de cada tipo de capital.

O segundo tipo de capital em Bourdieu a ser analisado é o capital cultural, segunda forma de capital mais importante que envolve a vertente educacional engloba a vertente educacional, e, nesse sentido, cabe uma análise do capital simbólico para entender mais precisamente a importância dele na teoria de Bourdieu.

3.2 **Capital Cultural**

A conceituação de capital cultural de Pierre Bourdieu deu-se a partir de estudos sobre o sistema de ensino com o intuito de demonstrar como se organizam as relações da sociedade com o meio e de que forma o capital cultural é incorporado pelos indivíduos. Segundo o autor, esse capital está ligado aos costumes, à cultura e a conhecimento.

[...] a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (BOURDIEU, 2001, p.73).

A partir das disparidades em relação ao desempenho escolar das crianças provenientes de diferentes classes sociais que obtinham sucesso ou fracasso escolar, surgiu o conceito de capital cultural. Ao admitir o capital cultural como a solução para o problema do desempenho escolar dos alunos, Bourdieu dá continuidade à hipótese de que o sucesso ou o fracasso

escolar estava diretamente ligado a vocação de cada criança não considerando as origens familiares e de classe. (Bourdieu, 2001, p.73)

O conceito capital cultural ocupa hoje um lugar central no campo da Sociologia da Educação, vai além da explicação de que crianças de meios mais desfavorecidos apresentam pior desempenho na escola. Propõe-se a explicar de que maneira o pior desempenho escolar desses grupos serve à estrutura de dominação vigente em uma sociedade específica. A posse desse “capital” permitiria o acesso a percursos escolares marcados pelo sucesso e pela distinção, legitimando, pela via da escola, um “patrimônio” familiar – a cultura – transmitido por herança às futuras gerações entre famílias de classe social favorecida. Segundo suas análises os estudantes de origem social mais favorecida são aqueles que mais se beneficiam da cultura escolar porque sabem jogar as regras do jogo. Essa ideia do autor supera a ideia naturalizada pelo senso comum, que atribuía às classes sociais favorecidas certa “intimidade” com a cultura escolar (familiarização insensível) como se fosse um “dom” ou as “aptidões naturais e predisposições” que fariam mediação para a aquisição de uma cultura legítima, valorizada pela classe dominante. (LORENZO, 2010, p. 5-6).

Nesse sentido, o fracasso ou o sucesso escolar, de acordo com as análises de Bourdieu, eram oriundos da família ou herdados do meio social de origem e a escola reforçava a partir de contraste entre as crianças.

Desta forma, o capital cultural para Bourdieu apresenta-se em três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado.

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadro, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (Bourdieu, 2001, p.74).

Em relação ao estado incorporado, a acumulação de capital cultural determina sua incorporação implicando um trabalho de inculcação e assimilação, que necessita ser concretizado em suas ações. Ou seja, “a acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor” (BOURDIEU, 2001, p. 74).

Com isso, o capital cultural acarreta em um investimento de tempo e constitui como parte integrante da pessoa, não podendo ser trocado, pelo fato de estar ligado à peculiaridade orgânica do indivíduo. No entanto está vinculado à transmissão hereditária.

Aquele que o possui pagou com sua própria pessoa e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital pessoal não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou

mesmo do título de nobreza) por doação ou por transmissão hereditária, por compra ou por troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depauperada e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória, etc.) (BOURDIEU, 2001, p. 75).

Assim sendo, famílias com elevado capital econômico poderão alcançar resultados mais aceitáveis por terem reserva de capital, já uma família com recursos econômicos limitados, não terá tempo disponível para sistematizar um método de incorporação de capital cultural, o que nos revela que a diferença econômica pode refletir no processo de obtenção de capital econômico.

O capital cultural em seu estado objetivado pode existir sob a forma de bens culturais – livros, pinturas, escritos. Para que alguém consiga adquirir bens culturais, é necessário ter capital econômico, o que é evidenciado na compra de uma máquina, por exemplo, mas para se apropriar dela é preciso que se tenha capital cultural incorporado. (BOURDIEU, 2001, p.75).

O que significa dizer que o capital cultural objetivado é a obtenção de bens materiais, ou seja, resulta da ação histórica dos sujeitos. Ele, diferentemente do capital cultural incorporado, pode ser transmitido em sua materialidade devido ao fato de o capital cultural em seu estado incorporado não ter como se transmitir. Podemos vender um livro a alguém, mas não podemos vender a compreensão intelectual.

Já a terceira concepção de capital, intitulado por Bourdieu como capital institucionalizado, apresenta-se sob a forma de títulos, ou seja, materializa-se por meio de diploma, levando o sujeito a ser reconhecido socialmente; certificando que o indivíduo possui conhecimento em determinada área e legitimando o processo de acúmulo de capital cultural. Esse capital possui os mesmos limites do capital incorporado, ou seja, “os mesmos limites biológicos” (BOURDIEU, 2001, p. 78).

Nesse estado percebe-se a relação do capital cultural e capital econômico e a missão do sistema de ensino. O nível de investimento na carreira escolar está ligado ao possível retorno que se pode alcançar com título escolar no mercado de trabalho. Como afirma Bourdieu “permite estabelecer taxas de convertibilidade entre capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar” (BOURDIEU, 2001, p. 79).

É a posse de capital cultural institucionalizado, isto é, o diploma que destaca os sujeitos frente ao mercado de trabalho. A obtenção de título é proporcional à valorização do

mesmo pela sociedade, isto é, quanto maior o grau de dificuldade de acesso a determinado título, maior será a sua valorização e quanto mais fácil for o acesso maior será a sua desvalorização. Bourdieu (2001) diz que:

[...] o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. Pelo fato de que os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar garante, dependem também de sua raridade (BOURDIEU, 2001, p. 79).

Logo, o capital cultural em seu estado institucionalizado está vinculado à possibilidade de transformação em capital econômico. Com isso, e em conformidade com os estudos de Bourdieu, há um crescimento dos investimentos escolares o que resulta no aumento de emissão de diplomas escolares tendo por consequência o aumento do acesso às universidades em virtude das mudanças ocorridas na estrutura social, garantindo a acessibilidade do estudo à maior parte da população.

3.3 Capital social

O capital social na visão de Bourdieu é bastante distinto: primeiramente porque apresenta uma concepção de capital social como um recurso individual – e não de uma determinada família, organização ou comunidade – e dá ênfase no aspecto simbólico, relacionando-se à concepção de poder de classes, por influência do marxismo – em detrimento do aspecto econômico – reputação dos atores, confiança em uma “conduta esperada”, um sistema de normas e de regras. (apud SANTOS, 2003)

O conceito de capital social tem sido renovado por alguns autores ao mesmo tempo em que é criticado por outros. De forma geral, capital social pode ser entendido como a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos.

Nesse sentido, compreende-se que a estrutura social é determinada de acordo com a divisão das variadas formas de capital. E é nessa percepção que surge a definição de capital social dada por Bourdieu por ser um recurso que pode auxiliar no processo de mudança.

Na perspectiva, Bourdieu define o capital social da seguinte forma:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos

institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2001, p. 67).

A definição e difusão do conceito de capital social em Bourdieu é referência na atualidade. Sua percepção tem por base as estratégias de reprodução ou a permuta de posição na estrutura social, sendo o único autor a abranger a ideia de disputas na estrutura de análise o conceito como foco as estratégias de reprodução ou a mudança de posições na estrutura social. Bourdieu utiliza o conceito de capital social, tendo por foco os benefícios obtidos pelos sujeitos na participação em grupos.

Com isso, o capital social,

[...] refere-se ao conjunto de relações sociais (amizades, laços de parentesco, contatos profissionais, etc.) mantidas por um indivíduo. O volume de capital social de um indivíduo seria definido em função da amplitude de seus contatos sociais e, principalmente, da qualidade desses contatos, ou seja, da posição social (volume de capital econômico, cultural, social e simbólico) das pessoas com quem ele se relaciona (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2004, p. 51).

Para Bourdieu o capital social pode ser acumulado, assim como o capital econômico. Todavia, diferentemente do capital econômico, que é assegurado por lei, o capital social tem características de bem público, o que significa dizer que ele só é acumulado por meio da ampliação das relações sociais.

A conceituação de Bourdieu sobre o capital cultural auxilia o estabelecimento de ensino a desenvolver uma rede de relações entre professores do mesmo campo ou de campos diferentes englobando os saberes formal e informal na composição de estruturas da política pedagógica e da sociedade. Por meio do capital social os campos fortificam-se fazendo com que os indivíduos potencializem seus *habitus*, a fim de pensar uma educação cada vez mais crítica e transformadora. Também por meio do capital conseguimos justificar e conjecturar em maneiras de inserir o conhecimento trazido pelos alunos do ambiente familiar.

3.4 Capital Simbólico

Para Bourdieu, há uma hierarquia nas formas de capital, um bom exemplo disso é a precedência do capital econômico em relação aos demais tipos de capital. Este capital não é facilmente perceptível, diferente dos outros tipos de capital.

Nesse sentido, o capital simbólico está vinculado ao prestígio e à honra que o indivíduo, agente ou instituição possui em determinado campo da sociedade, isto é, é o modo de como o agente é notado pelos outros, associando-o a outro tipo de capital.

O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. Um exemplo: a honra nas sociedades mediterrâneas é uma forma típica de capital simbólico que só existe pela reputação, isto é, pela representação que os outros fazem dela, na medida em que compartilham um conjunto de crenças apropriadas a fazer com que percebam e apreciem certas propriedades e certas condutas como honrosas ou desonrosas (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p. 107).

O capital simbólico seria uma espécie de bônus e está relacionado aos demais tipos de capital, ou seja, ele não existe sozinho e é dependente das demais formas de capital.

O capital simbólico diz respeito ao prestígio ou à boa reputação que o indivíduo possui num campo específico ou na sociedade em geral. Esse conceito se refere, em outras palavras, ao modo como um indivíduo é percebido pelos outros. Geralmente, essa percepção está diretamente associada à posse dos outros três tipos de capital, mas não necessariamente. Um indivíduo pode continuar a ser visto como rico, graças à manutenção de certos sinais exteriores de riqueza, quando, na verdade, já perdeu, ou nunca teve, uma grande fortuna. Da mesma forma, possuir um sobrenome socialmente reconhecido como importante pode conferir a um indivíduo certo capital simbólico que não corresponde, necessariamente, aos seus capitais econômico, cultural e social (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2004, p. 51-52).

Desse modo, o capital simbólico proporciona poder e legitimidade – poder simbólico¹ – ao agente, grupo ou instituição que o possui, tendo por base o seu reconhecimento da dominação do membro que o possui dentro de determinado campo, sobre os demais indivíduos. Em vista disso, o capital simbólico é o instrumento principal do poder simbólico, pois impõe seu ônus sobre os que possuem em baixa quantidade ou não o possuem em um campo determinado.

A partir do campo teórico dos componentes que traduzem o que é o conceito de capital vamos analisar as trajetórias de vida de estudantes do curso de Pedagogia.

¹O poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2007, p.14-15).

4. CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA NA PERSPECTIVA DO CONCEITO DE CAPITAL EM PIERRE BOURDIEU

Este capítulo visa descrever o processo metodológico utilizado na realização desta pesquisa com abordagem qualitativa.

Pesquisar é investigar, buscar respostas, procurar soluções. Para Oliveira (1997) a finalidade de uma pesquisa é tentar conhecer e explicar os fatos (ou fenômenos), que ocorrem nas mais diferentes formas, e tentar determinar a maneira como se processam os seus aspectos de estrutura e função. Nesse caso, nos interessa investigar as trajetórias de vida dos estudantes de pedagogia e as relações com o acúmulo de capitais estudados por Pierre Bourdieu.

Uma pesquisa, de acordo com Gil (2011, p.26), tem o objetivo de descobrir resposta para problemas por meio do emprego de procedimentos científicos. DEMO (1987, p. 23) enfatiza que “pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade”. LÜDKE e ANDRÉ (1986, p. 1) explicitam que “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo mostrar se há uma relação evidente entre trajetórias de vida e os conceitos de capital propostos por Pierre Bourdieu.

Para atingir o objetivo da pesquisa, optou-se por fonte de dados secundária, por meio de análise dos trabalhos finais de curso, configurando uma pesquisa documental.

De acordo com Gil,

[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa [...]. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais [...]. Existem de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 2011, p.51).

Godoy (1995, p.21) auxilia nossa compreensão do papel da abordagem qualitativa na presente pesquisa acadêmica. A autora afirma que a análise de dados qualitativos no exercício da pesquisa “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Nossa preocupação é resgatar a opinião e a leitura de mundo realizada pelos sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos que ilustram a pesquisa, protagonizam os dez memoriais educativos presentes nos trabalhos. Esses memoriais foram utilizados por diferentes alunos em suas monografias de final de curso, na graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília. Os estudantes concluíram seus cursos entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2013 e que expressaram a relação Educação e Sociedade. O memorial dos trabalhos finais de curso foram escolhidos aleatoriamente dentre os que exprimiram relação Educação e Sociedade.

A amostragem utilizada nessa pesquisa foi de 80 trabalhos finais de curso, contudo, apenas dez foram selecionados para contemplar este estudo, em razão da restrição de laudas. As histórias escolhidas foram definidas de modo aleatório por mim e pela orientadora e/ou examinadora deste trabalho, professora Sônia Marise.

Primeiramente organizamos as monografias por ano, onde as monografias anteriores a 2010 foram organizadas em uma prateleira e a partir de 2011, as organizei em ordem cronológica em cuja temática expressava a relação Educação e Sociedade. Essa organização facilitou a seleção das monografias a serem analisadas na presente pesquisa. A partir daí, em um universo de 80 monografias, selecionou-se dez, aleatoriamente, das quais quatro foram de homens e seis foram de mulheres. As narrativas foram transcritas em conformidade com o documento de origem e, para garantir o sigilo quanto a identidade dos alunos que cederam seus memoriais, serão utilizados nome fictícios.

Considerando as principais proposições teóricas de Bourdieu expostas na presente pesquisa, pretende-se relacioná-las às trajetórias de vida apresentadas no memorial dos 10 alunos com os conceitos de capital de Pierre Bourdieu.

Bourdieu postula a existência de distintos tipos de capital, que estão relacionados à trajetória de vida dos sujeitos, pois estes são detentores de uma “bagagem socialmente herdada” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p.21). Essa bagagem é constituída pelo “capital econômico”, baseado na posse de bens materiais, o “capital social”, fundado nos relacionamentos sociais, “capital simbólico”, ligados à honra e ao reconhecimento e o capital cultural em sua forma institucionalizada, formado pelos títulos escolares. A “bagagem transmitida pela família” (idem)

compreende componentes que passam a fazer parte da subjetividade do indivíduo, principalmente, o capital cultural em seu estado incorporado. Dessa maneira, é possível entender que os capitais, definidos por Bourdieu, apesar de distintos mantêm relações de reciprocidade, de modo que a posse de um tipo de capital condiciona ou estimula a obtenção de outro tipo de capital.

Dessa maneira, a identificação dos diferentes tipos de manifestações do capital – econômico, social, cultural, simbólico – não deve excluir a possibilidade de transformação de um tipo de capital para outro, nem a referência de qualquer uma das formas de capital ao capital econômico.

A seguir, serão apresentadas partes das narrativas dos memoriais acadêmicos e será feita análise dessas narrativas, tendo como base os com os conceitos de capital de Pierre Bourdieu.

5. NARRATIVAS

5.1 Narrativa 1 – A Trajetória de Maria

“[...] Meu pai e minha mãe moravam no Tucuruí desde que casaram [...] O Ed. Tucuruí é um prédio que fica no Cruzeiro Novo e foi onde eu vivi boa parte da minha infância, [...] Comecei a estudar com 3 anos na Escola Paroquial Santo Antônio. [...] O Santo Antônio é uma escola de freiras muito tradicional. [...] Me formei na 8ª série no ano de 2001 e como no Santo Antônio não tinha Ensino Médio, mudei para o Sigma. [...] O Sigma [...] É uma das escolas que mais aprovam no vestibular da UnB [...] Eu sempre soube que queria fazer Pedagogia, mas quando eu falava isso para as pessoas elas achavam um absurdo, porque era um curso muito fácil e porque professor ganhava muito pouco.[...] Mas eu não desisti de entrar na UnB e de fazer aquilo que eu sempre me imaginava fazendo, que era Pedagogia. [...]. Então prestei o 1º vestibular de 2006, dessa vez seguindo meu coração, para Pedagogia. [...] O resultado da UnB saiu quando eu já estava estudando no Ceub e eu lembro que fiquei extremamente feliz, afinal eu tinha sido aprovado para o curso que eu sonhava e ainda por cima em uma das melhores faculdades do país. [...]”(2011).

5.2 Narrativa 2 – A Trajetória de Tiago

“[...] Comecei minha primeira série no CAIC, [...] Na segunda série continuei na mesma escola, [...] Na minha terceira série mudei de colégio, fui para o Salesiano (escola São Domingos Sávio) [...] Finalmente chegou o ensino médio e com ele, grandes mudanças. Mudei de escola, mas não foi para a pública, foi para a particular mais próxima da minha casa, o colégio Isaac Newton, [...] Chegou o terceiro ano e a tensão era visível em todos da sala, estava um clima de escolhas e decisões [...] A questão da escolha profissional ainda era uma incógnita e em meio a muitas conversas sobre esta questão com meu pai, ele propôs prestar vestibular para direito, [...] porém as dificuldades para se manter em uma faculdade particular são várias e acabei trancando o curso no 3º semestre. [...] Os colégios que passei não ofereciam qualquer tipo de orientação neste âmbito, [...] Então decidi fazer o vestibular para Pedagogia sem saber bem o que encontraria pela frente, a verdade é que eu não estava seguro quanto a minha decisão. [...]” (2011).

5.3 Narrativa 3 – A Trajetória de Ester

“Nasci em Brasília-DF no ano em que John F. Kennedy faria 70 anos [...] No meu ambiente familiar não há esse costume de ler, isso pelo fato da maioria ser analfabetos. [...] Minha mãe estudou somente até a 2ª série, mas diferente dos outros pais da região, que preferia que os filhos trabalhassem na lavoura, sempre fez questão que eu e meus quatro irmãos estudássemos. [...] Meu pai tem ensino médio incompleto, [...] mas mesmo assim acredita que o estudo é a saída para alcançar estabilidade financeira e por isso sempre incentiva tanto a mim quanto aos outros 2 filhos dele a estudar. [...] (2013).

5.4 Narrativa 4 – A Trajetória de Judite

“[...] Tenho poucas lembranças de minha infância, [...] Morávamos na chácara da minha tia [...] Era maravilhoso, apesar da situação financeira em que vivíamos, [...] Em função das dificuldades financeiras dos meus pais, recebíamos doações da Igreja Presbiteriana do Jardim Novo Mundo, [...] Também cursava aulas de música no Centro Cultural Gustav Rhitter, [...] No Centro de Ensino Fundamental 02 de Planaltina/DF – Paroquial – cursei da quinta a oitava series. [...] fui fortemente incentivada nesta escola a fazer a prova de admissão ao Curso Técnico de Magistério [...] A escola oferecia como disciplina em Musica, canto coral [...] e foi minha oportunidade de retomar minhas aulas de música. [...] Me formei no Magistério. [...]

Em 2002 fui admitida na Escola de Musica de Brasília [...] Me inscrevi para o vestibular de Licenciatura em Música. [...] Mas, no teste de aptidão com o instrumento, apesar de toda experiência e embasamento técnico e teórico que eu tinha, a ansiedade e o nervosismo, não me deixaram realizar a prova. [...] em fevereiro de 2007 eu passei. [...] foi uma grande surpresa e uma boa dose de auto estima, já que não fiz cursinho e nem sequer estudei para a prova. Fui aprovada para o Curso de Pedagogia noturno, como segunda opção. [...]” (2013).

5.5 Narrativa 5 – A Trajetória de Ana

“A minha primeira experiência escolar foi na escola São Camillo, [...] Logo após sair de lá, comecei minha trajetória em escolas públicas, na Escola Classe 415 Norte, [...] Mudei para o Núcleo Bandeirante e logo fui matriculada no Jardim III CAIC de lá. [...] ao final do ano, ingressei no Ensino Fundamental, ofertado nas escolas classe espalhadas pela cidade. [...] Então para a segunda etapa do Ensino Fundamental, como não estava mais morando no Núcleo Bandeirante [...] me matriculei na [...] Escola Classe 315 Sul, cursar a 5ª série. [...] lá seria transformado em local administrativo, e todos os alunos foram transferidos para o Centro de Ensino Polivalente. [...] estudei a 7ª e 8ª série. [...] Chega o tão esperado Ensino Médio. [...] fui matriculada no Centro Educacional 03 do Guará. [...] Fiz o vestibular da UnB para o curso de Administração, logo após terminar o Ensino Médio e não passei. Então fui fazer esse curso no Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. [...] No semestre seguinte desisti de tentar o vestibular na UnB para Administração e pensei em outra opção, e acabei escolhendo pedagogia. [...] Acabei passando, e fazendo os dois cursos, pedagogia na UnB no turno diurno e Administração no noturno. [...]” (2013).

5.6 Narrativa 6 – A Trajetória de Sara

[...] Minha mãe sempre foi muito preocupada com essa questão da igreja, pois acreditava que na igreja eu iria ter um bom direcionamento para minha vida, para que eu não me perdesse no ‘meio do caminho’. [...] Quando me formei, logo em seguida comecei a ir a algumas faculdades para ver o valor das mensalidades [...] Foi quando me deparei que o curso que havia escolhido era caro e o valor das mensalidades muito altas [...] O primeiro curso que veio à cabeça foi Pedagogia que nunca foi um curso dos meus sonhos, mas sim da minha realidade. [...] Fui procurar emprego, saí entregando meus currículos e consegui um emprego [...] Quando eu estava no final do segundo semestre recebi a notícia que a empresa a qual

trabalhava estava correndo o risco de fechar. [...] resolvi fazer a prova de Transferência Facultativa da UnB , [...] Preparei-me, fui na UnB peguei alguns textos e livros do que iria cair na prova e para minha alegria eu passei. [...]” (2012).

5.7 Narrativa 7 – A Trajetória de Diná

“[...] meu primeiro contato com a escola, foi aos 6 anos, quando ingressei para a Pré escola, na Escola Classe 41 de Taguatinga, onde tive a grande descoberta da leitura, [...] Na 6ª série, fui estudar no CED 04, [...] Minha mãe num esforço constante me mudou de escola e fui estudar na Escola Classe 46, no ano seguinte. [...] Minha mãe [...] me matriculou em uma escola particular, [...] Enfim, na 8ª série estudei no CED 13, na M norte, em Taguatinga, [...] No ano seguinte, mais uma mudança, fui pra o CED 05 em Taguatinga, [...] tivemos uma série de dificuldades financeiras, às vezes nem tínhamos o que comer, [...] Minha madrinha [...] me convidou para trabalhar com ela. Como tinha que trabalhar e estudar, deixei novamente os sonhos de lado, e desisti de estudar aos 17 anos. [...] tentei retornar durante 05 anos, [...] Engravidei com 21 [...] Como tínhamos uma casa para morar em Goiânia, decidimos tentar a sorte, [...] ainda não frequentava uma escola. Decidi voltar quando minha filha fez 6 anos, através de uma oportunidade de uma escola que abriu o EJA próximo à minha casa, [...] me senti super motivada a prosseguir. Conclui o Ensino Médio, dentro do EJA, [...] No ano de 2005, iniciei meus estudos em casa, todos os dias, mesmo na correria estudava 2 horas à noite, pensando num vestibular na UFG, [...] fui trabalhar na secretaria da escola onde minha filha estudava, a convite da diretora. Meu encanto e fascinação pela pedagogia, inicia-se, neste momento, [...] Decidi nesse mesmo ano, encarar e estudar mesmo, [...] Prestei o vestibular no final de 2006, [...] Após, duas semanas, [...] peguei um jornal [...] lá estava o resultado, havia passado na primeira fase, [...] Passando para a seguinte fase, que era redação, pude me empenhar mais um pouco, [...] logo no final de dezembro fiz a prova, [...] Um dia, [...] me contaram que havia saído o resultado da UFG, e que tinham certeza que meu nome estava na lista, nossa quanta alegria! Fiz minha matrícula, paguei com muito esforço, pois na época era cinquenta reais por semestre, e comecei a estudar no ano de 2007. [...] No final de 2008, [...] resolvi vir para Brasília, onde minha família toda morava. Aí surgiu mais um desafio, que era o de passar na transferência facultativa da UNB, então, tranquei a UFG e vim para Brasília estudar. Na primeira prova, que era como um vestibular, não obtive êxito, estudei durante 6 meses para uma nova tentativa, [...] Passei. [...] Daí, em julho de 2009, ingressei na UNB, cheia de dúvida, mais com grande expectativa. [...]” (2013).

5.8 Narrativa 8 – A Trajetória de André

“[...] Meu pai é militar do Corpo de Bombeiros [...] Sempre estudei em colégios particulares. [...] Comecei minha caminhada escolar com 6 anos, [...] Apesar de ser uma escola muito pequena, considero que me deu uma boa base para o Ensino Fundamental. [...] Estudei lá por apenas um ano e logo fui para outra escola, [...] Nessa escola estudei quase todo o Ensino Fundamental. [...] Da sétima série até concluir o primeiro ano do Ensino Médio, estudei em um colégio muito maior, [...] Comecei o Ensino Médio focado nos exames de admissão para ingresso na Universidade de Brasília. [...] No segundo ano do Ensino Médio tive de mudar de escola [...] Nessa nova escola, tive muito apoio e incentivo. [...] De maneira geral, no Ensino Médio, me esforcei bastante nos estudos. [...] Foi nesse período que fiz minha escolha em seguir o curso de Pedagogia. [...] Consegui passar para a Universidade de Brasília (UnB) através do programa de Avaliação Seriada (PAS). [...] apesar da desaprovação familiar, passei por um ano inteiro de seleção para servir no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), no 32º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Dom Pedro Primeiro. Era a oportunidade perfeita pelo fato de que continuaria cursando o nível superior e estaria servindo à minha pátria. [...] Entrei para o seletivo grupo de 20 alunos do NPOR da arma de Artilharia. [...] Os ensinamentos e o conhecimento que adquiri em minha formação militar me ajudaram a seguir na vida fora da caserna. [...] Estava mais maduro, mais consciente, mais motivado, mais dedicado e disciplinado. [...]” (2013).

5.9 Narrativa 9 – A Trajetória de Isaque

“[...] Meu pai nasceu em Erval do Oeste, Santa Catarina. [...] cidade do interior do estado onde o predomínio é de lavouras de pequenos agricultores. Minha mãe em Belo Horizonte, Minas Gerais. [...] capital, badalada pelo movimento e pelo progresso. Eles se conheceram em Brasília quando cursavam nível superior na mesma instituição de ensino. [...] No ano de 1994 terminei o Jardim II e fui estudar na primeira série do Ensino Fundamental o Stella Maris [...] Apesar de ser um colégio de bases católicas e educação rígida, gostei de ter estudado lá. [...] Os anos foram passando, as responsabilidades aumentando e a cobrança para a escolha de uma escola boa para a preparação para o vestibular foi decisiva na hora de me matricular no ensino fundamental e médio. Meus pais escolheram a Escola Fundamental Alvacir Vite Rossi, pois é uma escola que prepara fortemente para a entrada no colégio militar, o que nunca foi opção para mim. No ensino médio estudei novamente em escolas de base católicas, o colégio

La Salle. [...] Quando chegou a hora de optar por alguma para o vestibular logo escolhi as Ciências Biológicas como curso, [...] A o chegar à metade do curso de Biologia, [...] resolvi prestar vestibular para a Universidade de Brasília [...] Não sabia o que marcar como opção, já que não tinha estudado ou feito qualquer tipo de preparo para a prova. Marquei pela Pedagogia, curso o qual logrei êxito em passar e que não me arrependo um só instante. [...]” (2012).

5.10 Narrativa 10 – A Trajetória de Saul

[...] tive por obrigação o dever de ingressar também na universidade de Brasília e manter o ciclo universitário de minha casa. [...] Lembro claramente de meu pai me incentivando de toda forma possível para o melhor desempenho em cada dia de prova das etapas do PAS. [...] Até hoje não sei qual era o momento de maior tensão no processo da prova: se era antes com a pressão de ir bem ou se era depois, corrigindo com todos os gabaritos que saiam na internet antes do oficial liberado pelo Cespe.[...] no vestibular tradicional optei por um curso, no qual eu teria nota para passar. Marquei Ciências Contábeis. [...]Com o passar do tempo, acabei não me identificando com o curso em si e nem com as pessoas que cursavam as disciplinas às quais fazia. [...] Então, acabei trancando o curso. [...] minha mãe me deu a ideia de prestar o vestibular para o curso de Pedagogia, pois é o curso em que ela é formada.[...] Fui aprovado no primeiro semestre de 2009 e novamente todos ficaram muito felizes aqui em casa, principalmente meu pai. [...]” (2012).

6. ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Das dez trajetórias de vida, quatro narrativas apresentadas nesta pesquisa retratam casos em que a família, apesar das poucas condições materiais e do restrito capital cultural detido pelos pais dos universitários, investe na escolarização dos filhos, mobilizando capital e recursos que favoreceram a continuidade nos estudos. Ou seja, as famílias com limitado capital econômico têm maior tendência de investir na educação formal, isto é, gerar capital cultural em seu estado institucionalizado representado por títulos e certificados acadêmicos. Esse comportamento tem por objetivo evitar reproduzir o destino que lhes parece óbvio, a perpetuação do baixo poder aquisitivo familiar. Com isso é incentivado a aquisição de capital cultural para o acúmulo de capital econômico.

As demais trajetórias correspondem à narrativas que apresentam casos de famílias detêm maior capital econômico e social. Neste caso, não há grandes mobilizações financeiras para a continuidade dos estudos, mas à convertibilidade do capital cultural em econômico. Ou seja, famílias com um certo poder aquisitivo tendem a investir mais na carreira escolar – matriculando seus filhos em escolas particulares – visando o retorno que se tem com título escolar, garantindo melhores posições no mercado de trabalho. Desta forma, o capital econômico herdado serve de meio de apropriação de capital cultural principalmente em sua forma institucionalizada, como forma de reconhecimento, para obter posições de destaque no mercado de trabalho.

O primeiro caso apresenta um conjunto de elementos da trajetória escolar que corroboram com o que já foi dito anteriormente: que o grau de investimento na carreira escolar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com o título escolar. Podemos perceber isso pelo percurso de Maria por instituições particulares conceituadas em Brasília, dentre elas o Colégio Sigma e o Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

A segunda narrativa mostra como a família, a partir capitais disponíveis, articula-se de modo a garantir as condições necessárias à continuidade dos estudos do sujeito e obtenção de sucesso escolar, superando as dificuldades financeiras surgidas durante sua escolarização. Apesar da exposição de que não houve direcionamento na questão da escolha profissional por parte dos estabelecimentos de ensino, de alguma forma eles propiciaram o acúmulo de capital cultural e somado ao apoio de familiares explicam a obtenção de êxito na Universidade de Brasília.

Na terceira história há a exposição de uma jornada escolar na qual há uma ruptura que se dá graças a um conjunto de fatores que diferenciam o sujeito dos demais em seu campo social. Assim, elementos relacionados ao limitado capital econômico e cultural da família não permitiram o trabalho na lavoura, diferentemente de outros pais que convivem no mesmo campo, para dar continuidade à trajetória escolar por acreditarem que somente o estudo “é a saída para alcançar estabilidade financeira” (narrativa 3, 2013). Além disso, o incentivo e apoio do pai na ininterrupção dos estudos, que permitiu a mudança de um vilarejo no interior da Bahia para Brasília tendo por consequência seu ingresso na Universidade de Brasília, apesar do restrito capital econômico, Ester com o apoio de sua família ingressou em uma Universidade Pública Federal para adquirir capital cultural e assim, conseguir convertê-lo em capital econômico.

A narrativa quatro expõe uma trajetória escolar, que apesar das dificuldades financeiras, o sujeito teve acesso ao capital cultural. Esse capital cultural o levou a cursar Pedagogia. Dessa forma, mesmo não possuindo capital econômico, o capital cultural acumulado a levou a adquirir certificado – capital cultural em seu estado institucionalizado – para a obtenção de capital econômico.

Já na narrativa cinco, assim como a dois, mostra como a família, a partir de capitais disponíveis, articula-se de modo a garantir as condições necessárias à continuidade dos estudos do sujeito e obtenção de sucesso escolar. O capital econômico herdado proporcionou a possibilidade de ingresso em dois cursos superiores: um em faculdade particular e o outro na universidade pública, propiciando maior acúmulo de capital cultural e maiores oportunidades de sucesso no mercado de trabalho.

A sexta narrativa expõe uma trajetória de vida na qual há forte influência do poder simbólico da igreja, o que proporcionou acúmulo de capital cultural, apesar do restrito capital econômico. Desta forma, elementos relacionados à escassez de capital econômico determinaram seu ingresso muito cedo no mercado de trabalho para garantir o pagamento de um curso superior, levando-a a optar pelo curso Pedagogia – um curso mais barato em uma instituição privada – e por fim na sua troca de instituição de ensino por meio da transferência facultativa para a Universidade de Brasília. Portanto, o acesso ao capital simbólico possibilitou o acúmulo de capital cultural para converter em capital econômico.

A narrativa sete expõe uma trilha marcada pelo esforço para a obtenção de capital cultural e econômico. Apesar do restrito capital cultural, há grande mobilizações financeiras e um desgaste psicológico para a continuidade dos estudos e desta forma ter acesso ao capital cultural – na forma de título universitário – para passar a adquirir capital econômico.

Na oitava narrativa, é mostrado como a família a partir dos capitais cultural, simbólico e econômico disponíveis, reúne-se para garantir o êxito escolar e escolhas profissionais do filho. Os estabelecimentos de ensino, a admissão em uma instituição militar também aparece como campos de acúmulo de capital cultural, simbólico e econômico e, por conseguinte para o êxito na Universidade.

Na penúltima história, os capitais econômico e cultural herdados dos pais influenciam diretamente na trajetória escolar do sujeito. O investimento na carreira escolar em instituições particulares sugerem que o sujeito teve acesso a capital cultural e que este acumulado na trajetória escolar o levou a fazer Pedagogia na Universidade de Brasília.

Por fim, a décima narrativa, mostra como os elementos relacionados à família em termos de capitais econômico, cultural estimulam e incentivam a continuidade dos estudos em uma universidade pública federal. A existência de pessoas com curso superior influencia na escolha pelo curso de Pedagogia, o que permitiu ao indivíduo dar continuidade à graduação garantindo o prestígio social e acúmulo de capital cultural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a discutir qual tem sido a relação entre as histórias de vida de estudantes de curso de Pedagogia e apropriação dos capitais. Com o exposto, fica claro que as trajetórias de vida interferem e modificam a natureza dos capitais, segundo a teoria de Pierre Bourdieu, bem como a apropriação do capital modifica as trajetórias das pessoas, gerando transformação social, o que impacta na relação das histórias de vida com o acúmulo de capital.

O estudo das trajetórias de estudantes da faculdade de educação da Universidade de Brasília, revelou que o *habitus* do grupo familiar impulsiona os indivíduos a mobilizar recursos ligados ao capital econômico, social, cultural e simbólico em um campo determinado, contribuindo no processo de escolarização do aluno. Significa dizer que as trajetórias são influenciadas pelo capital acumulado.

Os casos expostos permitem identificar a relação de causalidade e efeito entre histórias de vida de estudantes do curso de Pedagogia e apropriação dos capitais, conceitos propostos pelo autor referência neste trabalho Pierre Bourdieu. Dessa forma, ao comparar os personagens que confirmaram a correlação entre o acúmulo de capital cultural e desempenho escolar, e aqueles cujo sucesso escolar era improvável, o estudo propõe que o êxito do aluno está diretamente relacionado a um conjunto de variáveis condicionadas a apropriação dos capitais.

Em suma, os dados confirmam a relação entre a história de vida e o acúmulo de capital cultural, tendo por consequência o êxito escolar em uma universidade pública federal. Diante dos questionamentos, elaborados e confirmando a hipótese de que as trajetórias de vida interferem e modificam a natureza dos capitais em Pierre Bourdieu, foi alcançado objetivo geral deste trabalho acadêmico, de relacionar as trajetórias de vida dos estudantes da Faculdade de Educação com os conceitos de capital propostos por Pierre Bourdieu. E ainda, respondeu-se à questão inicial a respeito da relação entre as histórias de vida de estudantes de

Pedagogia e apropriação dos capitais conduzindo à conclusão de que as trajetórias de vida interferem e modificam a natureza dos capitais propostos por Pierre Bourdieu.

Por fim, cumpriu-se, também, os objetivos específicos: identificar as histórias de vida dos estudantes do curso de pedagogia presente nos trabalhos finais de curso, no período de 2011 a 2013, cujo tema expressou a relação Educação e Sociedade; conhecer a trajetória escrita nos memoriais de trabalho final de curso; e, refletir sobre as formas de capitais traduzidas nos registros escritos de acordo com a teoria de Pierre Bourdieu.

I. PARTE III - PERSPECTIVA PESSOAL, PROFISSIONAL E ACADÊMICA

Confesso que em alguns momentos me perguntei se realmente seria o momento de me formar, se não poderia adiar esse momento tão esperado nos últimos anos. Acho que sentirei saudade disto: da flexibilidade que a Universidade de Brasília oferece a nós, graduandos, das oportunidades que surgem pelo fato de sermos alunos da UnB, da possibilidade de poder adiar a data da formatura, de ficar mais alguns semestres para poder adquirir mais conhecimento. Sentirei falta das amizades que conquistei, das aulas, de alguns professores e dos momentos que passei na Faculdade de Educação, mas sinto que chegou a hora de me formar, de tornar-me uma Pedagoga.

No entanto, não estou dando adeus à UnB, pois quero fazer mestrado e, quem sabe, um doutorado, pois sei que ter um título pela Universidade de Brasília, uma universidade bem conceituada na atualidade, me trará reconhecimento profissional, além de trazer uma satisfação pessoal.

Pretendo dar aulas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas meu objetivo final é ser aprovada em um concurso público, pois almejo estabilidade financeira. Apesar de gostar e admirar a docência considero que a profissão de professor ainda não é tão valorizada quanto deveria ser.

II. REFERÊNCIAS

BONNEWITZ, Patrice. Primeiras lições sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu. **Petrópolis: Vozes, 2005.**

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz, 10. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007, p.14-15.

_____, Pierre; NOGUEIRA, Alice Maria. CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica.* São Paulo: McGraw-Hill, 1996.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** 2ª Edição. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. Ed – 4 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.2, mar-abr 1995.

GONÇALVES, Nadia; GONÇALVES, Sandro. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução.* Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LORENZO, Michelle. **O capital social e o entusiasmo como distinção social entre professore (as) em disciplinas da graduação a distância da UnB.** Brasília: UnB, 2010. Artigo de Projeto de Iniciação Científica (Inédito).

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

NOGUEIRA, Maria A. & CATANI, Afrânio (orgs.) (2005). *Escritos de Educação*. 7.ed. Petrópolis: Vozes [Seleção, organização, introdução e notas: Maria A. Nogueira e Afrânio Catani.]

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. *Educ. Soc*, Campinas, v. 23, n. 78, Apr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>. Acesso em: 11 Dec. 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORTIZ, Renato. (org). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de Metodologia Científica*. São Paulo: Pioneira, 1997.

SANTOS, Fábio Franklin Storino. *Capital Social – Vários Conceitos, um só Problema*. São Paulo, 2003).

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, Feb. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>. Acesso em 07 Dec. 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na área dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2007

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 78, Apr. 2002 .

III. ANEXOS

A Trajetória de Maria

“[...]Meu pai e minha mãe moravam no Tucuruí desde que casaram [...] O Ed. Tucuruí é um prédio que fica no Cruzeiro Novo e foi onde eu vivi boa parte da minha infância, [...] Comecei a estudar com 3 anos na Escola Paroquial Santo Antônio. [...] O Santo Antônio é uma escola de freiras muito tradicional. [...] Quando eu estava na 4ª série nós mudamos do Ed. Tucuruí para um prédio no Sudoeste.[...] Me formei na 8ª série no ano de 2001 e como no Santo Antônio não tinha Ensino Médio, mudei para o Sigma. [...] apesar da minha mãe achar que eu deveria ter ido para o Marista. [...] O Sigma [...] É uma das escolas que mais aprovam no vestibular da UnB e este foi um dos fatores que me fizeram ir para lá. [...] O Sigma era uma escola muito rígida nas provas, [...] a escola pressionava tanto a gente que a única coisa que eu conseguia pensar era no PAS e no vestibular.[...] Eu sempre soube que queria fazer Pedagogia, mas quando eu falava isso para as pessoas elas achavam um absurdo, porque era um curso muito fácil e porque professor ganhava muito pouco. De tanto eu escutar isso, meu primeiro vestibular eu fiz para psicologia, mas não consegui passar. Eu já sabia que não ia passar porque eu tinha consciência que não tinha estudado o suficiente. [...] Mas eu não desisti de entrar na UnB e de fazer aquilo que eu sempre me imaginava fazendo, que era Pedagogia. Resolvi fazer cursinho apenas das matérias específicas em que eu sentia dificuldade [...]. Então prestei o 1º vestibular de 2006, dessa vez seguindo meu coração, para Pedagogia. [...] O resultado da UnB saiu quando eu já estava estudando no Ceub e eu lembro que fiquei extremamente feliz, afinal eu tinha sido aprovado para o curso que eu sonhava e ainda por cima em uma das melhores faculdades do país. [...]”(2011).

A Trajetória de Tiago

“[...]Comecei minha primeira série no CAIC, [...] Na segunda série continuei na mesma escola, [...] Na minha terceira série mudei de colégio, fui para o Salesiano (escola São Domingos Sávio) no Núcleo Bandeirante, [...] Finalmente chegou o ensino médio e com ele, grandes mudanças. Mudei de escola, mas não foi para a pública, foi para a particular mais próxima da minha casa, o colégio Isaac Newton, [...] Chegou o terceiro ano e a tensão era visível em todos da sala, estava um clima de escolhas e decisões [...] A questão da escolha profissional ainda era uma incógnita e em meio a muitas conversas sobre esta questão com

meu pai, ele propôs prestar vestibular para direito, fiz o vestibular e fui aprovado, porém as dificuldades para se manter em uma faculdade particular são várias e acabei trancando o curso no 3º semestre. Depois dessa experiência passei a analisar melhor a questão da escolha profissional, [...] Os colégios que passei não ofereciam qualquer tipo de orientação neste âmbito, fato este que poderia ter contribuído bastante no meu processo de escolha. [...] Então decidi fazer o vestibular para Pedagogia sem saber bem o que encontraria pela frente, a verdade é que eu não estava seguro quanto a minha decisão. [...]” (2011).

A Trajetória de Ester

“Nasci em Brasília-DF no ano em que John F. Kennedy faria 70 anos [...] Esse acontecimento influenciou na escolha de meu nome, [...] Com menos de um ano de idade fui morar no interior da Bahia. [...] em um vilarejo [...] A escola onde comecei a estudar, atualmente está fechada, foi a Escola Campos Sales. [...] A Escola Campos Sales era uma escola rural bem simples não tinha carteiras para sentar, os alunos levavam um banquinho de casa todos os dias, tinha cerca de 20 alunos, a turma era multisseriada, tinha alunos de 4 a 20 anos de idade, da educação infantil à 4ª série do ensino fundamental. [...] Não tinha um edifício próprio para as aulas, geralmente quem tinha mais filhos na escola cedia à sala de sua casa para que fossem realizadas as aulas. [...] Eu fui uma criança que não descobriu o encantamento mágico pela leitura, isso pelo contexto social e cultural onde vivi minha infância. Meu contato com a escola era apenas para aprender a ler, escrever e decorar a tabuada. [...] No meu ambiente familiar não há esse costume de ler, isso pelo fato da maioria ser analfabetos. [...] Minha mãe estudou somente até a 2ª série, mas diferente dos outros pais da região, que preferia que os filhos trabalhassem na lavoura, sempre fez questão que eu e meus quatro irmãos estudássemos. [...] Meu pai tem ensino médio incompleto, as adversidades da vida não permitiram que ele concluísse a educação básica, mas mesmo assim acredita que o estudo é a saída para alcançar estabilidade financeira e por isso sempre incentiva tanto a mim quanto aos outros 2 filhos dele a estudar. [...] Foi durante o ensino médio que tive interesse pelo vestibular da Universidade de Brasília, [...] No 2º semestre de 2008 fiz o vestibular para pedagogia e passei. No curso de pedagogia dentro da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, descobri que fiz a escolha certa, pois pude a princípio descobrir o encantamento pela educação e por ser educadora. [...]” (2013).

A Trajetória de Judite

“[...] Tenho poucas lembranças de minha infância, mas sempre que penso nela sinto certa nostalgia. [...] Morávamos na chácara da minha tia [...] Era maravilhoso, apesar da situação financeira em que vivíamos, onde chegávamos a dividir um pão em quatro. [...] Em função das dificuldades financeiras dos meus pais, recebíamos doações da Igreja Presbiteriana do Jardim Novo Mundo, onde congregávamos. [...] Também cursava aulas de música no Centro Cultural Gustav Rhitter, [...] No Centro de Ensino Fundamental 02 de Planaltina/DF – Paroquial – cursei da quinta a oitava series. [...] Ao concluir a oitava serie [...] fui fortemente incentivada nesta escola a fazer a prova de admissão ao Curso Técnico de Magistério [...] ingressei no Centro Educacional 01 de Planaltina – Centrão. Era a Escola Técnica de Magistério e Aplicação. [...] A escola oferecia como disciplina em Musica, canto coral [...] e foi minha oportunidade de retomar minhas aulas de música. [...] Me formei no Magistério. Não pude fazer imediatamente o vestibular, fiz a primeira e segunda etapas do PAS mas não fiz a terceira, porque me desiludi com a vida acadêmica e em uma carreira como Educadora. [...] Em 2002 fui admitida na Escola de Musica de Brasília onde fui estudante até 2006. [...] Me inscrevi para o vestibular de Licenciatura em Música. Na prova escrita de habilidade específica, fui muito bem. Mas, no teste de aptidão com o instrumento, apesar de toda experiência e embasamento técnico e teórico que eu tinha, a ansiedade e o nervosismo, não me deixaram realizar a prova. [...] Como já estava inscrita, fiz o vestibular geral, e em fevereiro de 2007 eu passei. [...] Além, de ter escondido de todos que tinha feito inscrição para o vestibular da Universidade de Brasília, pois não queria criar expectativas, nem para mim, nem para minha família. [...] foi uma grande surpresa e uma boa dose de auto estima, já que não fiz cursinho e nem sequer estudei para a prova. Fui aprovada para o Curso de Pedagogia noturno, como segunda opção. [...]” (2013).

A Trajetória de Ana

“A minha primeira experiência escolar foi na escola São Camillo, na Asa Norte. [...] Logo após sair de lá, comecei minha trajetória em escolas públicas, na Escola Classe 415 Norte, na mesma quadra que eu morava. [...] Mudei para o Núcleo Bandeirante e logo fui matriculada no Jardim III CAIC de lá. [...] ao final do ano, ingressei no Ensino Fundamental, ofertado nas escolas classe espalhadas pela cidade. [...] Então para a segunda etapa do Ensino

Fundamental, como não estava mais morando no Núcleo Bandeirante [...] me matriculei na escola classe na quadra em meu irmão morava. Fui para a Escola Classe 315 Sul, cursar a 5ª série. [...] Por determinação da Secretaria da Educação, lá seria transformado em local administrativo, e todos os alunos foram transferidos para o Centro de Ensino Polivalente. [...] estudei a 7ª e 8ª série. [...] Chega o tão esperado Ensino Médio. [...] fui matriculada no Centro Educacional 03 do Guará. [...] Fiz o vestibular da UnB para o curso de Administração, logo após terminar o Ensino Médio e não passei. Então fui fazer esse curso no Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. [...] No semestre seguinte desisti de tentar o vestibular na UnB para Administração e pensei em outra opção, e acabei escolhendo pedagogia. [...] Acabei passando, e fazendo os dois cursos, pedagogia na UnB no turno diurno e Administração no noturno. [...]” (2013).

A Trajetória de Sara

“[...] brasiliense, sempre morei e nasci aqui em Brasília no ano de 1989, minha mãe é mineira da cidade de Montes Claros e desde a minha existência só tive minha mãe como referência para tudo em minha vida. [...] Desde então minha mãe batalhou bastante para que eu pudesse ter tudo do bom e do melhor, principalmente a Educação, minha mãe fez o que pode e até o que não podia para que isso pudesse acontecer. Estudei em escola Pública até minha 4ª série [...] foi então que no ano seguinte tive a oportunidade de ganhar uma bolsa de estudos em uma escola particular camada: Escola Salesiana São Domingos Sávio. Comecei a estudar nessa escola na 5ª série e nela concluí meu ensino médio. A educação salesiana está baseada no Sistema Preventivo de Dom Bosco que está construído sobre um tripé de valores: Amor (Amorelevezza), Razão e Religião. [...] E com base desse sistema preventivo tive uma relação muito forte com a escola e com a igreja e daí fui trilhando meu caminho. [...] A igreja foi a minha segunda escola, com as missas e o grupo de liturgia a qual participava tirei grandes lições para a minha vida. [...] Minha mãe sempre foi muito preocupada com essa questão da igreja, pois acreditava que na igreja eu iria ter um bom direcionamento para minha vida, para que eu não me perdesse no ‘meio do caminho’. Desde pequena tive somente a referência de minha mãe, pois minha família por parte de mãe mora toda em Montes Claros, e desde então nunca os conheci, o meu Pai biológico nunca o conheci, muito menos a família por parte de Pai, não tenho irmãos. Então fui uma criança que nunca teve convívio familiar [...] Na época do 3º ano tivemos palestras sobre vocação profissional, fomos a algumas instituições

superiores para conhecer os cursos, e em todas essas oportunidades de conhecer os cursos superiores, fui me identificando com o curso de Jornalismo, [...] Quando me formei, logo em seguida comecei a ir a algumas faculdades para ver o valor das mensalidades do meu curso, vestibular e etc. Foi quando me deparei que o curso que havia escolhido era caro e o valor das mensalidades muito altas e de um preço que estava totalmente fora da minha realidade, [...] minha mãe não tinha como pagar, muito menos eu que nem trabalhava. [...] O primeiro curso que veio à cabeça foi Pedagogia que nunca foi um curso dos meus sonhos, mas sim da minha realidade. [...] Fui procurar emprego, saí entregando meus currículos e consegui um emprego no BRB conveniência [...] Foi o meu melhor emprego que me ajudou bastante, principalmente a fazer o meu curso de Pedagogia e em julho de 2007 fiz o vestibular no IESB e passei em 1º lugar, [...] Comecei a cursar Pedagogia em agosto de 2007. [...] Os primeiros semestres foram excelentes, me empenhei bastante e estava muito feliz e empolgada com o curso. [...] Quando eu estava no final do segundo semestre recebi a notícia que a empresa a qual trabalhava estava correndo o risco de fechar. [...] Foi a partir daí que comecei então minhas experiências na área de Educação, como estava cursando Pedagogia, fui entregar currículos em escolas para que eu pudesse estagiar e consegui meu segundo emprego e primeiro como Professora de Inglês. [...] Na época em que estagiava no Colégio Marista, resolvi fazer a prova de Transferência Facultativa da UnB, pois as condições para que eu continuasse estudar no Iesb não estavam boas. [...] Preparei-me, fui na UnB peguei alguns textos e livros do que iria cair na prova e para minha alegria eu passei. [...]” (2012).

A Trajetória de Diná

“[...] Tive uma infância simples, mais muito feliz. Minha trajetória escolar começa quando fui gerada, já que minha mãe, professora desde 1970, nunca deixou que sua gravidez impedisse de executar e ministrar suas aulas. [...] meu primeiro contato com a escola, foi aos 6 anos, quando ingressei para a Pré escola, na Escola Classe 41 de Taguatinga, onde tive a grande descoberta da leitura, [...] Durante os primeiros anos escolares, permaneci na mesma instituição, e na 3ª série fui aluna da minha mãe. [...] Passei na 4ª série com êxito [...] Tive grandes dificuldades no ano que seguiu, 5ª série e apesar do meu esforço, reprovei. [...] Na 6ª série, fui estudar no CED 04, [...] Minha mãe num esforço constante me mudou de escola e fui estudar na Escola Classe 46, no ano seguinte. [...] Minha mãe [...] me matriculou em uma escola particular, ela não media esforços para pagar e mais um ano passei, agora para a 8ª

série. Nessa época fiquei um pouco triste, pois mais uma vez ia ter que mudar de escola, já que meu pai havia ficado desempregado, e minha mãe, que era nossa mantenedora, não podia pagar. [...] Enfim, na 8ª série estudei no CED 13, na M norte, em Taguatinga, [...] No ano seguinte, mais uma mudança, fui pra o CED 05 em Taguatinga, [...] meus pais já não estavam juntos e tivemos uma série de dificuldades financeiras, às vezes nem tínhamos o que comer, era dureza. Minha madrinha [...] me convidou para trabalhar com ela. Como tinha que trabalhar e estudar, deixei novamente os sonhos de lado, e desisti de estudar aos 17 anos. Nesse período, tentei retornar durante 05 anos, por diversas vezes fiz minha matrícula, mas não tinha o mínimo de animo e acabava desistindo. Engravidei com 21 anos [...] À pedido dele, fomos morar juntos [...] não tínhamos dinheiro para nada, [...] Como tínhamos uma casa para morar em Goiânia, decidimos tentar a sorte, [...] ainda não frequentava uma escola. Decidi voltar quando minha filha fez 6 anos, através de uma oportunidade de uma escola que abriu o EJA próximo à minha casa, [...] Passei um ano e meio indo às aulas, onde além de conhecer pessoas me senti super motivada a prosseguir. Concluí o Ensino Médio, dentro do EJA, [...] No ano de 2005, iniciei meus estudos em casa, todos os dias, mesmo na correria estudava 2 horas à noite, pensando num vestibular na UFG, sai do meu trabalho [...] fui trabalhar na secretaria da escola onde minha filha estudava, a convite da diretora. Meu encanto e fascinação pela pedagogia, inicia-se, neste momento, [...] Decidi nesse mesmo ano, encarar e estudar mesmo, fazia todas as coisas da escola e de casa, e logo me apegava aos livros que fui conseguindo emprestado, tive grande dificuldade com Física, Matemática e Química, mais não desisti. [...] Prestei o vestibular no final de 2006, [...] Após, duas semanas, estava no meu trabalho [...] peguei um jornal que um pai havia deixado sobre o balcão da secretaria [...] lá estava o resultado, havia passado na primeira fase, [...] Passando para a seguinte fase, que era redação, pude me empenhar mais um pouco, fiz várias leituras e escrevi o tempo todo, [...] logo no final de dezembro fiz a prova, [...] O resultado só sairia em janeiro, [...] Um dia, ao retornar da igreja, [...] me contaram que havia saído o resultado da UFG, e que tinham certeza que meu nome estava na lista, nossa quanta alegria! Fiz minha matrícula, paguei com muito esforço, pois na época era cinquenta reais por semestre, e comecei a estudar no ano de 2007. [...] No final de 2008, com as minhas dificuldades de manter uma casa e minha filha praticamente sozinha, resolvi vir para Brasília, onde minha família toda morava. Aí surgiu mais um desafio, que era o de passar na transferência facultativa da UNB, então, tranquei a UFG e vim para Brasília estudar. Na primeira prova, que era como um vestibular,

não obtive êxito, estudei durante 6 meses para uma nova tentativa, [...] Passei. [...] Daí, em julho de 2009, ingressei na UNB, cheia de dúvida, mais com grande expectativa. [...]” (2013).

A Trajetória de André

“[...] Moro com meus pais, avós maternos e sobrinho. Meu pai é militar do Corpo de Bombeiros e minha mãe cuida da família e do lar. Sempre estudei em colégios particulares. [...] Comecei minha caminhada escolar com 6 anos, no antigo Jardim III, em uma pequena escola em Samambaia – DF. [...] Apesar de ser uma escola muito pequena, considero que me deu uma boa base para o Ensino Fundamental. [...] Estudei lá por apenas um ano e logo fui para outra escola, em Taguatinga – DF, [...] Nessa escola estudei quase todo o Ensino Fundamental. Lá fiquei até concluir a sexta série. [...] Da sétima série até concluir o primeiro ano do Ensino Médio, estudei em um colégio muito maior, que possui uma sede em Taguatinga – DF e outra na Asa Sul – DF. [...] Comecei o Ensino Médio focado nos exames de admissão para ingresso na Universidade de Brasília. [...] No segundo ano do Ensino Médio tive de mudar de escola [...] Nessa nova escola, tive muito apoio e incentivo. Os professores tinham uma ótima didática e eu gostava do método avaliativo. [...] Como era uma fase de escolhas e muito estudo, tive alguns momentos de insegurança. [...] Galguei os últimos degraus que faltavam para o aguardado nível superior. [...] graças a Deus e com o apoio de excelentes professores, nas duas escolas em que estudei, defini meus objetivos para o Ensino Superior. [...] De maneira geral, no Ensino Médio, me esforcei bastante nos estudos. [...] Foi nesse período que fiz minha escolha em seguir o curso de Pedagogia. Para mim, seria uma desonra fazer com que meu pai pagasse uma faculdade tendo pago excelentes colégios particulares por toda minha vida. Consegui passar para a Universidade de Brasília (UnB) através do programa de Avaliação Seriada (PAS). Escolhi o curso noturno porque tinha a ideia de trabalhar durante o dia para ajudar com as contas de casa e foi o que aconteceu. [...] apesar da desaprovação familiar, passei por um ano inteiro de seleção para servir no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), no 32º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Dom Pedro Primeiro. Era a oportunidade perfeita pelo fato de que continuaria cursando o nível superior e estaria servindo à minha pátria. Graças a Deus consegui ingressar para o Exército Brasileiro. Entrei para o seletivo grupo de 20 alunos do NPOR da arma de Artilharia. [...] Fui obrigado a desacelerar o ritmo na Faculdade de Educação para dar conta de conciliar as duas exaustivas atividades. [...] Os ensinamentos e o conhecimento que adquiri

em minha formação militar me ajudaram a seguir na vida fora da caserna. [...] Estava mais maduro, mais consciente, mais motivado, mais dedicado e disciplinado. [...]” (2013).

A Trajetória de Isaque

“[...] Meu pai nasceu em Erval do Oeste, Santa Catarina. [...] cidade do interior do estado onde o predomínio é de lavouras de pequenos agricultores. Minha mãe em Belo Horizonte, Minas Gerais. [...] capital, badalada pelo movimento e pelo progresso. Eles se conheceram em Brasília quando cursavam nível superior na mesma instituição de ensino. [...] Entrei na escola aos 3 anos e meio de idade. [...] No ano de 1994 terminei o Jardim II e fui estudar na primeira série do Ensino Fundamental o Stella Maris de Taguatinga. [...] Apesar de ser um colégio de bases católicas e educação rígida, gostei de ter estudado lá. [...] Os anos foram passando, as responsabilidades aumentando e a cobrança para a escolha de uma escola boa para a preparação para o vestibular foi decisiva na hora de me matricular no ensino fundamental e médio. Meus pais escolheram a Escola Fundamental Alvacir Vite Rossi, pois é uma escola que prepara fortemente para a entrada no colégio militar, o que nunca foi opção para mim. No ensino médio estudei novamente em escolas de base católicas, o colégio La Salle. [...] Quando chegou a hora de optar por alguma para o vestibular logo escolhi as Ciências Biológicas como curso, [...] A o chegar à metade do curso de Biologia, por pressão dos meus irmãos e pais que sempre reclamaram da prestação do UniCeub, que era muito cara, resolvi prestar vestibular para a Universidade de Brasília para ver se aliviava esta pressão. Não sabia o que marcar como opção, já que não tinha estudado ou feito qualquer tipo de preparo para a prova. Marquei pela Pedagogia, curso o qual logrei êxito em passar e que não me arrependo um só instante. [...]” (2012).

A Trajetória de Saul

“[...] Como caçula da casa, sempre tive a pressão de no mínimo, consegui seguir os passos delas. A mais velha ingressou na UnB para o curso de Administração e a do meio passou em Química também na UnB. [...] tive por obrigação o dever de ingressar também na universidade de Brasília e manter o ciclo universitário de minha casa. Neste momento em que elas já estavam na universidade, eu ainda cursava o ensino médio. Então, era um assunto que me recorria muito durante todos os três anos de estudos antes do vestibular. [...] Lembro

claramente de meu pai me incentivando de toda forma possível para o melhor desempenho em cada dia de prova das etapas do PAS. [...] Até hoje não sei qual era o momento de maior tensão no processo da prova: se era antes com a pressão de ir bem ou se era depois, corrigindo com todos os gabaritos que saíam na *internet* antes do oficial liberado pelo Cespe. Porém no PAS optei por Ciências da Computação e não passei. [...] no vestibular tradicional optei por um curso , no qual eu teria nota para passar. Marquei Ciências Contábeis no vestibular.. Seria o futuro profissional das Ciências Contábeis da família. [...] Com o passar do tempo, acabei não me identificando com o curso em si e nem com as pessoas que cursavam as disciplinas às quais fazia. Mesmo assim tentei ainda por dois anos encaixar-me no curso, mas não funcionou. Acabei ficando com uma imagem negativa da Universidade de Brasília. Um local onde tudo era difícil, corrido e longe. [...] Então, acabei trancando o curso. Minha família fazia muita pressão para voltar ao curso e aos estudos, [...] minha mãe me deu a ideia de prestar o vestibular para o curso de Pedagogia, pois é o curso em que ela é formada, pois é o curso em que ela é formada [...] Como a grande maioria das pessoas, acreditava que o curso se fechasse no âmbito da educação infantil. Fui surpreendido, encontrei disciplinas relacionadas à gestão da escola e minha irmã me informou que é um ramo que está cada vez mais presente em diversas áreas no setor público. [...] Fui aprovado no primeiro semestre de 2009 e novamente todos ficaram muito felizes aqui em casa, principalmente meu pai. [...]” (2012).